

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

Foto: Carmem Miranda ANO V julho/agosto/2025

#35

AVALIE NOSSO PROJETO



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



"PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ,
COM RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL."



Pensamento Livre



**Lei
Paulo
Gustavo**

Juntos para a cultura resistir

A Revista D-ARTE, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressões artísticas, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a arte e a Cultura brasileira. Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes; podem nos enviar trabalhos para divulgação em nossas edições. Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista, que apenas cumpre o papel de publicação dos mesmos. Nosso muito obrigado!

A revista pode ser baixada gratuitamente no endereço eletrônico:

<https://revistadarte.com/>

Expediente:

Editor Chefe - Wilson Inacio

Jornalista responsável: Aldo Moraes

Marketing e Relações Públicas: Ronilson Rony

Projeto Gráfico e Diagramação: Wilson Inacio

Estagiário Design Gráfico: Caio Felipe de Souza

Estagiária de Biblioteconomia: Giullia Vieira de Proença Lopes

ISBN - 978-65-999129-0-0

Nossas Redes:

<https://www.instagram.com/dartelondrina/>

<https://www.facebook.com/>



**SEU
ANÚNCIO
AQUI**



(43) 99666-3473



NOTA

Nota de repúdio: ação policial no Teatro de Contêiner MinC e Funarte manifestam repúdio à retirada de artistas de prédio pela Guarda Civil Metropolitana de São Paulo

Ministério da Cultura e a Funarte manifestam veemente repúdio à ação policial empreendida pela Guarda Civil Metropolitana de São Paulo para retirar artistas do Teatro de Contêiner e membros da ONG Tem Sentimento de um prédio anexo ao terreno onde ficava o muro que cercava a Cracolândia, na Luz, região central de São Paulo, na tarde desta terça-feira (19).

Em ofício, até agora sem resposta, enviado ao prefeito Ricardo Nunes pela ministra da Cultura Margareth Menezes e pela presidenta da Funarte Maria Marighella, foi solicitada a ampliação do prazo dado pela Prefeitura para o despejo do coletivo artístico de sua sede, de modo a permitir que os entendimentos iniciados junto à

Superintendência do Patrimônio da União para a busca de um novo terreno pudessem resultar positivamente. Lamentamos que o uso da força tenha substituído a continuidade do diálogo em prol da arte e da cultura, que cumprem papel relevante junto à comunidade do centro da capital paulista por meio da atuação do Teatro de Contêiner, da Cia Mungunzá e da ONG Tem Sentimento.

Reforçamos nosso apelo para que o prazo seja ampliado e a negociação pacífica retomada com a maior brevidade possível.

Ministério da Cultura (MinC)
Fundação Nacional de Artes (Funarte)

Obra de Carmen Miranda passa a domínio público sete décadas após sua morte

Wikimedia Commons

Historiadora especializada em música, Tânia Garcia analisa a trajetória da “pequena notável” no contexto do desenvolvimento da cultura popular brasileira ao longo do século 20, e explica os fatores que a projetaram internacionalmente como símbolo de mulher latina, de carnaval e de brasilidade.

Renato Coelho

<https://jornal.unesp.br/2025/08/15/obra-de-carmen-miranda-passa-a-dominio-publico-sete-decadas-apos-sua-morte/>

Há cerca de setenta anos, em 5/08/55, o Brasil perdia sua “pequena notável”: a cantora Carmen Miranda deixava a vida para habitar, definitivamente, o nosso olimpo musical, imortalizada por interpretações que se tornaram clássicos do cancionero nacional, como O que é que a baiana tem?, Mamãe Eu Quero, South American Way e Tico-Tico no Fubá. Além de cantora, Carmem destacou-se como atriz e dançarina, sendo a primeira mulher a assinar contrato com uma rádio no Brasil. Seu estilo único conquistou outras nações e levou-a a residir nos Estados Unidos. Lá, foi a primeira sul-americana

com uma estrela na Calçada da Fama, e chegou a ser a atriz mais bem paga de Hollywood.

Embora tenha se tornado um ícone internacional da mulher latino-americana, Carmen Miranda, aliás, Maria do Carmo Miranda da Cunha, nasceu na Europa. Mais precisamente, na cidade de Canaveses, Portugal, em 9 de fevereiro de 1909, filha de José Maria Pinto da Cunha, um barbeiro, e de Maria Emília Miranda. Em 1910, a família já estava instalada no Rio de Janeiro, e a bebezinha Maria do Carmo nunca retornaria à Portugal.

Na adolescência, trabalhou em uma loja de chapelaria, e a convivência com a vida agitada da Lapa, bairro do Rio de Janeiro, aproximou-a da música e formou suas referências estéticas.

Em 1929, Carmen foi apresentada ao compositor Josué de Barros, profissional que a inseriu em teatros e clubes. A partir de 1930, Carmen Miranda entrou de vez no mundo da música, cantando na Rádio Sociedade. Logo seu disco foi lançado, e o seu sucesso veio com a canção Pra Você Gostar de Mim, mais conhecida como Taí, escrita por Joubert de Carvalho. Nesse período, sua carreira começou a alçar voo, em especial quando realizou sua primeira turnê na Argentina, país ao qual retornou diversas vezes nos anos seguintes.

A combinação de carisma, voz marcante e figurinos exuberantes — turbantes com frutas tropicais e plataformas altíssimas — tornou-a um ícone nacional. Em 1939, convidada para a Broadway, estreou no musical The Streets of Paris. Pouco depois, conquistou Hollywood. Lá, atuou em 14 filmes, incluindo “Copacabana”, de 1946, ao lado de Groucho Marx, e se apresentou em palcos do mundo todo. Na década de 1940, chegou a ser a mulher mais bem paga de Hollywood.

No total, gravou mais de 300 composições, que incluíram, para além dos clássicos já mencionados, sucessos que ainda são escutados no Carnaval, como Mamãe, Eu Quero (Vicente Paiva e Jararaca) e Disseram que Voltei Americanizada (Vicente Paiva e Luiz Peixoto). Tornou-se referência também em moda e comportamento, e ajudou a projetar a imagem do Brasil no mundo. Na manhã de 5 de agosto de 1955, Carmen Miranda foi encontrada morta em um corredor de sua casa em Beverly Hills. A artista foi vítima de um ataque cardíaco aos 46 anos.

A historiadora Tânia da Costa Garcia, docente da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Unesp, câmpus de Franca, estuda a carreira de Carmen, e a ela dedicou um livro, “O “it verde e amarelo” de Carmen Miranda (1930-1946)”. Em entrevista ao podcast MPB Unesp, a docente analisa o surgimento e ascensão da carreira artística da pequena notável.

Uma branca que cantava samba

Tânia Garcia analisa o início da carreira de Carmen



Miranda no contexto do Rio de Janeiro do início do século 20. A capital da República era, também, uma cidade espetáculo, onde se concentrava o mundo do entretenimento desde o surgimento do teatro de revista, no século 19. A partir da década de 1930, estruturava-se na capital a produção cinematográfica, num período em que os filmes deixam de ser mudos e ganham falas e músicas. Em outra dimensão, as primeiras produtoras internacionais de discos, como a Columbia, se estabeleceram no Rio de Janeiro, e o rádio, que já existia, passava, a partir da década de 1930, a veicular publicidade, abandonando o perfil educativo que adotava anteriormente.

“Carmen vivia nesse momento da cidade do Rio de Janeiro. Era o momento de ascensão do samba, que passava por uma transição para se tornar o samba moderno de hoje”, diz a historiadora. No ambiente boêmio da Lapa, Carmem foi levada a gravar seu primeiro disco por Josué de Barros, compositor e violinista que frequentava a hospedaria da família dela e conhecia o desejo da moça de se tornar artista. “Carmen tinha sonhos de jovem carioca: gostava de moda, de cinema, estava atenta às revistas que cobriam os artistas

de Hollywood. Queria ser modelo, atriz e, por que não, cantora”, diz. Até então, em geral as artistas tinham que passar pelo teatro de revista antes de conseguirem gravar. “Mas as coisas estavam se modificando. Carmen já entrou nessa nova tendência, gravou seu primeiro disco e começou a fazer algum sucesso”, conta.

Entre os diferenciais que a projetaram estava o fato de ser uma cantora branca que se dedicava ao samba, acompanhada por um grupo de músicos, o Bando da Lua.

“Ela fez, ali, uma espécie de mediação. O samba da década de 30, embora estivesse em ascensão, sofria muita resistência por parte das camadas médias, que não queriam ver o Brasil representado por uma música de negros. O samba ainda estava ligado às escolas de samba, que por sua vez estavam associadas ao negro do morro. Esses elementos não eram propriamente a imagem do “Brasil civilizado e moderno”, e resultavam em muita resistência à aceitação do samba. Mas Carmen não era negra, tinha origem europeia. Tocava aquela música, que era associada aos negros, mas acabou como uma mediadora entre os dois mundos. E dispôs, evidentemente, de grande apoio por parte dos meios de comunicação de massa que estavam dispostos a alavancar o samba como um estilo nacional, fazendo dele uma música popular brasileira”, analisa a historiadora.

estilos que pudessem ser apresentados como a música brasileira por excelência. Sambas e marchinhas couberam nessa classificação. “Carmen teve muita sorte de estar presente num momento rico e no qual se apostou, tenazmente, no sucesso da música popular brasileira, que foi definida, basicamente, a partir da música popular que tocava no Rio de Janeiro”.

Nos seus primeiros anos de sucesso artístico, na década de 1930, que foram transcorridos no Brasil, a cantora não era necessariamente associada ao traje de baiana que depois se tornaria sua marca registrada. “Ela era uma intérprete muito particular. Não tinha uma voz potente, mas era muito afinada. Sua forma de interpretar tinha certas particularidades como a picardia, a ambiguidade do sentido das canções, e um certo humor. Essa performance atraiu muitos bons compositores. Carmen gravou músicas de Assis Valente, Ary Barroso e Gilberto Carvalho, dentre outros compositores relevantes” diz Tânia Garcia.

Morena fazia contraste com loiras

Um dos espaços que Carmen conquistou também nesses dez anos iniciais foi o dos filmes musicais da Cinédia. “Podemos dizer que esses musicais eram uma antessala daquilo que ficou conhecido como o cinema de chanchada, que se baseava muito na cultura carnavalesca brasileira. E a Cinédia tinha uma pretensão hollywoodiana, mas já tendia a investir nos musicais tendo como parâmetro o sucesso dos sambas e marchinhas. Carmen fez alguns filmes na Cinédia, durante a década de 1930, sem nunca aparecer vestida de baiana. A primeira vez em que apareceu assim foi em um filme chamado “Banana da Terra”, de 1939”, diz a historiadora.

Depois de aparecer vestida de baiana em “Banana da terra”, cantando O que é que a baiana tem?, Carmen Miranda passou a apresentar essa canção, com o mesmo figurino, no Cassino da Urca. Um produtor americano de passagem pelo Rio de Janeiro, Lee Schubert, assistiu ao número, e a convidou para participar de espetáculos na Broadway. Carmen aceitou e pediu para levar consigo o Bando da Lua, supostamente para assegurar uma sonoridade brasileira para suas



A indústria fonográfica estrangeira, que tinha aportado no Brasil, se interessou em investir em

canções. Passar da Broadway para Hollywood não foi um passo complicado. “Sua carreira no cinema internacional foi muito atrelada ao estereótipo da baiana, estereótipo que sofreu uma série de complementações, adaptações e invenções”, diz Tânia Garcia.

Mas não apenas baiana. Por meio de seus papéis, a artista representava todas as mulheres latino-americanas, incluindo argentinas, mexicanas e cubanas. Uma mulher ciumenta, selvagem, até agressiva, ligada a uma sensualidade às vezes promíscua. A passionalidade de suas personagens, de aspecto moreno, contrastava com as atrizes norte-americanas com quem ela contracenava, que costumavam se apresentar como loiras angelicais e certinhas, bem diferentes das figuras mais controversas que ganhavam vida nas telas graças a Carmen.



Seu legado para a cultura brasileira foi imenso, diz a historiadora. Um dos integrantes do Bando da Lua, Aloísio de Oliveira, estabeleceu-se nos EUA e colaborou posteriormente para que artistas da Bossa Nova construíssem suas próprias carreiras por lá. Carmen se tornou um ícone internacional de Brasil, de latinidade, de Carnaval, de fantasia. Movimentos importantíssimos para a cultura brasileira, como o Tropicalismo e o Cinema Novo, buscaram dialogar com sua obra e celebrar sua figura, reposicionando-a como ícone cultural.

Agora, 70 anos após sua partida, aos 46 anos, sua obra entra em domínio público. Trata-se de um marco simbólico. A Carmen das canções, dos palcos e das telas, poderá ser celebrada por todos, sem barreiras, o que poderá facilitar sua descoberta pelas novas gerações.



‘Na periferia, nunca se leu tanto quanto hoje’, avalia poeta Sérgio Vaz



Sérgio Vaz é fundador do Sarau da Cooperifa, na periferia de São Paulo - Arquivo pessoal/Sérgio Vaz

Escritor diz que saraus e hip-hop impulsionam leitura nas periferias, em contraste com queda do hábito de ler no Brasil

“Na periferia, acho que nunca se leu tanto como se lê hoje. Olha o paradoxo em que nós vivemos, num país hoje que pouco lê. Para mim, quem mais lê hoje é a periferia”, afirma o escritor e poeta Sérgio Vaz, fundador do Sarau da Cooperifa. Ao BdF Entrevista, da Rádio Brasil de Fato, ele explica que essa percepção vem da própria vivência nos saraus e coletivos culturais que se multiplicaram pelo país.

“A Cooperifa, por exemplo, chegou a lançar uma média de 100 livros por ano. Não como editora, mas contribuindo com o espaço para que as pessoas lançassem. (...) Toda semana tinha lançamento de livro. Então as pessoas estavam lançando livros, estavam ouvindo poesia”, relata.

Segundo a 6ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, 53% dos brasileiros não leram sequer um trecho de livro nos últimos três meses do primeiro semestre de 2024, quando a pesquisa foi realizada, e 47% se declararam leitores nesse período. O estudo mostra uma queda no número de leitores, que era de 52% em 2019, o que equivale a uma redução de cerca de 6,7 milhões de pessoas, além da diminuição na média anual de livros lidos por elas (de 4,95 para 3,96).

Mais espaço para a literatura

Vaz destaca ainda o papel da oralidade, dos saraus e das batalhas de rima na transformação cultural das periferias. “Esse boom que a poesia vive hoje no Brasil se deve, primeiro, à cultura hip-hop. Depois, vieram os saraus. Agora, são as batalhas de rima. O jovem da periferia, por incrível que pareça, tem outra perspectiva. Ele tem mais espaço para praticar a literatura. (...) A revolução se deu pela oralidade”, avalia.

Diante disso, ele critica os projetos de lei que buscam cercear manifestações culturais, como a chamada “Lei Anti-Oruam”, apelidada assim depois que o rapper Oruam foi preso em junho, no Rio de Janeiro, e mobilizou a opinião pública. A proposta busca impedir o financiamento público a artistas que façam “apologia ao crime ou às drogas”. O texto tramita atualmente na Assembleia Legislativa

de São Paulo (Alesp) e tem sido interpretado como tentativa de criminalizar o funk e ritmos periféricos.

“É a história do samba, a história do rap, e agora a atual é a história do funk. (...) É mais um crime contra a nossa cultura, contra o povo, mais um jeito de proibir que ele se manifeste”, lamenta o escritor.

Para o poeta, a luta contra o racismo e a violência policial exige mobilização popular também fora das redes sociais. “É um genocídio contra a juventude negra e periférica. (...) A hashtag já provou que não muda nada. Precisamos ir para a rua, dominar a narrativa nas ruas”, defende.

Encontro da terceira e da primeira idade

Autor de dez livros e de projetos como Poesia Contra a Violência, que leva poesia a escolas públicas da periferia, Sérgio Vaz lançou, durante a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) 2025, o conto Coração de Criança Não Morre, em que reflete sobre sua trajetória pessoal e coletiva.

Aos 60 anos, diz ter buscado reencontrar sua criança interior. “Eu acho que a criança da gente nunca morre. (...) Para comemorar a minha entrada na terceira idade, fui reencontrar a minha primeira idade. Eu quis fazer um conto baseado em fatos reais e surreais”, diz.

O poeta acredita que, apesar das dificuldades do cotidiano, é necessário cultivar a alegria. “Ser feliz também é um ato revolucionário. (...) Então eu quero sempre lembrar para as pessoas que é possível ser feliz também, e que a vida é difícil, mas é preciso enfrentá-la um pouco com um sorriso”, aponta.

Para ouvir e assistir

O BdF Entrevista vai ao ar de segunda a sexta-feira, sempre às 21h, na Rádio Brasil de Fato, 98.9 FM na Grande São Paulo. No YouTube do Brasil de Fato o programa é veiculado às 19h.

Editado por: Monyse Ravena

Livro mostra que hip hop conquistou mercados sem perder origem de luta

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2025-08/livro-mostra-que-hip-hop-conquistou-mercados-sem-perder-origem-de-luta>



José Cruz/Agência Brasil

Daniel Mello - Repórter da TV Brasil
Publicado em 19/08/2025 - 08:02
São Paulo

Em mais de 50 anos de existência, o movimento hip hop saiu das periferias para o centro dos mercados da cultura em todo o mundo. “Hoje, se você vai à lista dos artistas que mais produziram hits [canções de grande sucesso] encontra uma maioria de rappers”, destaca o pesquisador e jornalista Spensy Pimentel.

Porém, mesmo se tornando uma estética amplamente consumida, o movimento ainda mantém a essência de contestação das suas origens.

“O rap e o hip hop continuam sendo um canal de expressão para lutas ao redor do mundo”, acrescenta ao comentar sobre o

surgimento de grupos de rap indígena no Brasil.

Como exemplo, Pimentel cita Brô Mc's, formado em 2009 em Mato Grosso do Sul por indígenas guarani-kaiowá. “Na época em que conversamos, eles falavam sobre como ouviam Racionais [Mcs], ouviam grupos de rap de São Paulo e se identificavam com a situação que era vivida nas favelas”, explica o pesquisador, autor de *O Livro Vermelho do Hip-Hop*.

Ele cita os problemas que aproximam as duas realidades, que se encontram na expressão pelas rimas do rap: “As reservas indígenas superlotadas e muito próximas da cidade, lá da região, padecendo de problemas urbanos, como violência, que afeta muitos jovens, um alto índice de suicídios e insegurança alimentar”.

Relançamento

Originalmente, O Livro Vermelho do Hip-Hop foi o trabalho de conclusão do curso de jornalismo de Pimentel na Universidade de São Paulo. O livro-reportagem, de 1997, se baseava em entrevistas com expoentes do movimento na capital paulista, no Rio de Janeiro, no Recife e em Brasília. Inicialmente, o autor fez o trabalho circular em versões fotocopiadas entregues aos entrevistados. A Revista Caros Amigos fez um especial baseado na pesquisa de Pimentel em 1998. Pouco depois, em 1999, o portal Bocada Forte, especializado em hip-hop, abrigou uma versão digital do livro.

O trabalho ganha agora nova versão em publicação conjunta das editoras Glac e Autonomia Literária. A edição foi lançada durante a Festa Literária Pirata das Editoras Independentes (Flipei), na capital paulista.

Essa edição atualiza, segundo o autor, o trabalho original, ao mostrar justamente como o hip hop se mantém como expressão das lutas atuais. Ao mesmo tempo, explica Pimentel, fazer um novo lançamento do livro é uma forma de manter viva a memória que criou o movimento estético. “Tem esse sentido de tentar fazer, tentar buscar algo com essas novas gerações, para que rememorem as raízes do movimento e percebam que essas raízes estão muito conectadas com os movimentos de luta pela descolonização”, afirma.

Martin Luther King e Malcom X
Entre os movimentos que fizeram a formação da cultura hip hop está a organização dos Panteras Negras. O nome do livro faz referência a uma cena do filme dirigido pelo norte-americano Melvin Van Peebles, em 1995, em que

os integrantes do movimento vendem o livro de citações do líder da revolução chinesa Mao Tsé-Tung para arrecadar fundos. A publicação é conhecida como “O Livro Vermelho”.

Os Panteras Negras foram uma organização dos Estados Unidos que tinha como um dos objetivos principais a proteção da população negra contra a violência policial, mas atuou em diversas frentes de organização comunitária. Também são apresentados no Livro Vermelho do Hip-Hop personagens fundamentais das lutas estadunidenses por direitos civis, como Martin Luther King e Malcom X. Para contextualizar essas histórias, a narrativa se apoia em vários filmes, documentários ou não.

Na época em que lançou o livro, Pimentel buscava ocupar uma lacuna na produção intelectual sobre o hip hop.

“Ele acabou sendo um documento que apoiou, em muitos lugares, as iniciativas que buscaram fazer com que o poder público reconhecesse o hip hop como expressão cultural válida, merecedora de apoio”, diz sobre a importância da publicação que circulava em fotocópias de mão em mão.

O rap no Brasil ainda estava em plena efervescência e começando o caminho para conquistar público amplo. Sobrevivendo no Inferno, um dos principais álbuns dos Racionais também foi lançado em 1997. Desde 2020, o livro com as letras do disco é leitura obrigatória para o vestibular da Universidade Estadual de Campinas.

“Depois, vieram muitos estudos [sobre hip hop] e hoje, com certeza, mais trabalhos de vários autores, ainda mais com a inclusão que foi ocorrendo na universidade nos últimos 20 anos”.

Balé Teatro Guaíra **lotou apresentações em** **Jacarezinho e emociona** **público do 20º EnCena**



Balé Teatro Guaíra lotou apresentações em Jacarezinho e emociona público do 20º EnCena

Foto: Bruno Duarte Comunicação/Prefeitura Municipal de Jacarezinho

<https://www.cultura.pr.gov.br/Noticia/Bale-Teatro-Guaira-lota-apresentacoes-em-Jacarezinho-e-emociona-publico-do-20o-EnCena>

Cerca de 800 pessoas acompanharam o espetáculo. Para muitas, a apresentação foi também a oportunidade para viver uma experiência inédita: ir ao teatro e acompanhar um espetáculo de dança pela primeira vez. A companhia já esteve em Arapongas e em outubro estará em Londrina e Ibiporã.

O Balé Teatro Guaíra lotou duas apresentações do 20º Festival EnCena, no histórico Teatro CAT - Conjunto de Amadores de Teatro, em Jacarezinho, no Norte Pioneiro. A companhia abriu o festival nesta quinta-feira (21) à noite, e também se apresentou nesta sexta-feira (22) à tarde, com muita emoção do público.

Os ingressos para as duas apresentações foram distribuídos gratuitamente e esgotaram já no início da semana. No total, cerca de 800 pessoas acompanharam o Balé Teatro Guaíra na cidade.

Com as coreografias “V.I.C.A.”, de Lili de Grammont, e “Castelo”, de Alessandro Sousa Pereira, a companhia levou ao palco reflexões profundas sobre as transformações e desafios do mundo contemporâneo.

Inspirada nos conceitos de volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade, “V.I.C.A.” traz à cena temas como inteligência artificial, solidão, coletividade e o impacto do pós-pandemia, combinando uma linguagem forte e delicada.

Já “Castelo” convida à introspecção e à resistência, propondo uma pausa para buscar abrigo e renovação diante da velocidade e instabilidade da vida contemporânea.

PÚBLICO EMOCIONADO –

Espectadores manifestaram encantamento com o espetáculo. Para muitas pessoas, foi também a oportunidade de viver uma experiência inédita: ir ao teatro em uma apresentação de dança pela primeira vez.

Amanda Cornelio, psicóloga, moradora de Ourinhos (SP), acompanhou um grupo de 30 moradores de Marques dos Reis, localidade próxima à divisa de Jacarezinho com a cidade paulista. “Para mim, foi muito emocionante, revivi momentos da minha infância e da adolescência, fiz balé por muito tempo. Foi muito importante trazer o pessoal da comunidade para assistir, a maioria nunca tinha acompanhado um espetáculo de dança e nem mesmo pisado em um teatro”, comentou.

Foi o caso de Teresinha Vida Leal, de 75 anos, que contou emocionada como foi sua primeira vez em um espetáculo de teatro. “Foi maravilhoso, melhor seria impossível. Os bailarinos são muito bons, valeu a pena, vou voltar sempre”. Com ela, estava o estudante Daniel Antônio Ferreira, de 10 anos, que também fez sua estreia como espectador teatral. “Achei muito legal, parecia mágico, dava a impressão que iriam quebrar os ossos, mas eram muito flexíveis!”, disse o garoto.

A apresentação também proporcionou um reencontro: Murilo Machado Duarte, professor de dança e estudante de Fisioterapia em Jacarezinho, fez parte do Balé Teatro Guaíra entre 2018 e 2022. “Foi muito intenso quando voltamos da pandemia e participei da montagem de ‘V.I.C.A.’. Foi como reviver uma história muito especial para mim. Rever essa peça me emocionou muito, pude reencontrar meus amigos. Levo o Guaíra no coração, é

uma família, e foi uma escola para a vida toda.”

FESTIVAL – A cidade de Jacarezinho é reconhecida como polo cultural do Norte Pioneiro e está celebrando a 20ª edição do Festival EnCena e os 70 anos do Teatro CAT - Conjunto Amadores do Teatro.

“Mantemos um trabalho constante de formação de público para que a arte seja acessível a todos. Trazer o Balé Teatro Guaíra para abrir o festival é um presente que valoriza a cultura local e regional”, ressaltou James Rios de Oliveira Santos, diretor de Cultura do município.

Elaine Sartori Diniz Estramari, diretora-presidente do Teatro CAT, comemorou a lotação do espaço. “Setenta anos difundindo cultura no Norte do Paraná e 20 anos do EnCena nos trazem muita esperança. Receber o Balé Teatro Guaíra aqui no nosso teatro é um presente para nossa comunidade e para todos que fazem parte dessa história. Só temos a agradecer pelo convite e pela confiança”, disse.

CIRCULAÇÃO ESTADUAL – As apresentações do Balé Teatro Guaíra em Jacarezinho fazem parte da turnê estadual da companhia que começou em Arapongas, no Cine Teatro Mauá, no dia 8 de agosto, também com casa cheia. A partir de outubro, o grupo segue para outras duas cidades: Ibiporã e Londrina.

Segundo Áldice Lopes, diretor artístico do Centro Cultural Teatro Guaíra, a circulação cada vez mais frequente pelo Estado é um dos objetivos da instituição. “Após um semestre intenso fora do Paraná, voltamos com força para levar arte aos paranaenses, democratizando o acesso à dança contemporânea”.

ESCRITORES LONDRINENSES PARTICIPAM DE ENCONTRO BRASIL ITÁLIA



Digulgação

No dia 26 de julho, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, em Salvador recebeu o i Encontro da Academia Rotária Italiana de Artes e Letras e o V Encontro de escritores Brasil Itália, evento coordenado pela escritora, produtora cultural e presidente da ARIAL, Simona Advincula, brasileira radicada em Milão.

O evento reuniu escritores e intelectuais dos dois países, incluindo Benjamin Batista (presidente da Academia de Letras de Salvador); o escritor Geraldo Leite de 99 anos; Maribel Barreto (escritora e embaixadora da ONU), Rita Queiroz, a escritora Liz Matos e os londrinenses Aldo Moraes e Vagner Xavier.

Fundado em 13 de maio de 1894, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia é uma das entidades culturais mais antigas do Estado, em funcionamento ininterrupto. Tem como finalidade a promoção de estudos, do desenvolvimento e difusão dos conhecimentos de Geografia, de História e Ciências afins, além da defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico baiano e brasileiro.

A Casa da Bahia possui a maior coleção de jornais e o maior acervo cartográfico do Estado. Na Biblioteca Ruy Barbosa e Arquivo Histórico Theodoro Sampaio estão milhares de títulos e imagens à disposição do público como manuscritos de Castro Alves, documentos do Império, da escravização, arte e cultura do país. Em virtude de outros compromissos, o poeta Vagner Xavier participou por meio de vídeo enquanto Aldo Moraes esteve presente e discursou falando da

cultura, hábitos e costumes de Londrina e região.

Aldo Moraes é também músico, foi secretário de cultura de Londrina e criador do batuque na caixa. Vagner Xavier publicou 8 livros, traduzido na Itália e Suíça e importante atuação literária em vários estados do Brasil. O evento contou com magistral interpretação do tenor Benjamin Batista e exposição de peças e esculturas do talentoso jovem Marcelo Gomes.



Digulgação

Foz do Iguaçu vai ganhar galeria a céu aberto com arte de 40 grafiteiros, Durante o festival internacional, aos artistas urbanos iguaçuenses se somarão convidados de países

<https://www.h2foz.com.br/planeta-foz/foz-o-que-fazer/foz-do-iguacu-galeria-ceu-aberto-grafiteiros/>

Foz do Iguaçu vai ganhar uma galeria a céu aberto com a arte de 40 grafiteiros, mobilizados para o Festival Internacional de Graffiti Beco dos Sonhos. A ação cultural será de 21 a 24 de agosto.

Aos artistas urbanos iguaçuenses se somarão convidados de países como Argentina, Colômbia e Paraguai. Essa imersão artística irá produzir 12 murais em uma praça do Jardim Ipê.

O espaço Beco dos Sonhos fica na Travessa Cascavel. Conforme a organização, a temática do festival é da Mata Atlântica, a fim de aliar arte e conscientização ambiental.

A iniciativa busca transformar o espaço social e relacionar-se com a comunidade por meio da arte.

“Queremos dar acesso à população a uma espécie de museu e de galeria a céu aberto, que todo mundo possa conhecer, além de criar um novo ponto turístico público na cidade”, explica a artista urbana Mavi Gualtieri, organizadora do evento.

A produção dos grafites está prevista para ocorrer de 22 a 24. A programação inclui música, com som de DJ, e a roda de conversa Expressão e resistência: o graffiti na cultura.

Arte e grafiteiros

No sábado, 23, às 15h, a comunidade poderá participar de uma oficina gratuita de grafite, aberta a todas as idades. Basta dirigir-se à praça

do evento para fazer a atividade.

O Festival Internacional de Graffiti tem o apoio da Itaipu Binacional, prefeitura (via Secretaria Municipal de Turismo e Fundação Cultural), Parque das Aves, Parque Nacional do Iguaçu e Receita Federal do Brasil. E conta com parceiros privados.

“O Beco dos Sonhos é um exemplo de como a arte e o turismo podem andar de mãos dadas”, afirma o secretário de Turismo, Jin Petrycoski. “O projeto leva para os nossos moradores e turistas não apenas murais bonitos, mas uma mensagem importante sobre nossa responsabilidade com a Mata Atlântica.”



Paulo Bogler

Paulo Bogler é repórter do H2FOZ. Com enfoque em pautas comunitárias, atua na cobertura de temas relacionados à cidade, política, cidadania, desenvolvimento e cultura local. Tem interesse em promover histórias, vozes e o cotidiano da população. E-mail: bogler@h2foz.com.br.



Temática é da Mata Atlântica, a fim de aliar arte e conscientização ambiental - foto ilustrativa: Freepik

Em defesa dos guardiões da memória do Brasil

<https://outraspalavras.net/poeticas/em-defesa-dos-guardioes-da-memoria-do-brasil/>



Divulgação

Congresso pode votar esta semana projeto que valoriza, enfim, mestras e mestres das culturas populares. São 14 anos de espera. Abaixo-assinado busca mobilizar sociedade e pressionar deputados, em busca de “respeito e preservação” da diversidade cultural do país

“Eu vou falar de nós ganhando. Porque para falar de nós perdendo eles já falam.”
Nego Bispo, filósofo

“Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.”

Por Thereza Dantas

Mestras e mestres das Culturas Populares, normalmente, são pessoas com idade avançada no Tempo. São guardiões e transmissores de conhecimentos, de práticas e tradições culturais nas suas comunidades. Eles representam a riqueza e a diversidade da cultura popular brasileira, tanto que, oficialmente, existe uma lista sobre quem são os grupos tradicionais no Brasil: Andirobeiras, Apanhadores de Sempre-vivas, Caatingueiros, Caiçaras, Castanheiras,

Catadores de Mangaba, Ciganos, Cipozeiros, Extrativistas, Faxinalenses, Fundo e Fecho de Pasto, Geraizeiros, Ilhéus, Indígenas, Isqueiros, Morroquianos, Pantaneiros, Pescadores Artesanais, Piaçaveiros, Pomeranos, Povos de Terreiro, Quebradeiras de Coco Babaçu, Quilombolas, Retireiros, Ribeirinhos, Seringueiros, Vazanteiros e Veredeiros.

Eles são a nossa melhor síntese de memória afetiva nacional. Quando falamos de chás, de simpatias, de festas de ruas, de comidas, de

músicas e danças brasileiras, estamos falando do que aprendemos com mestras e mestres das Culturas Populares. Eles existem de fato, mas a maioria ainda tem grande dificuldade em sobreviver na nossa sociedade tão apegada à “força” da juventude.

Muitos são temas de TCCs, mestrados e doutorados. Muitos atuam como educadores informais, transmitindo conhecimentos e valores importantes às novas gerações nos seus grupos. Posso afirmar que muitos merecem o título de Notório Saber, que atesta o conhecimento em determinada área, podendo ser reconhecidos por instituições e órgãos públicos, mas o Brasil caminha a passos lentos no reconhecimento e reparação por seus serviços prestados para a sociedade em geral.

Alguns estados e municípios entenderam sua importância, criando leis que reconhecem mestras e mestres das Culturas Populares. Estados como Pernambuco, Ceará, Paraíba, Minas Gerais, Espírito Santo, Sergipe e, recentemente, o Rio de Janeiro publicam editais com propostas de reparação histórica, incluindo o repasse de bolsas ou premiações.

O Ministério da Cultura (MinC), em 2022, lançou o edital Cultura Viva e entre os 18 projetos aprovados, selecionou o Pontão de Cultura da Rede das Culturas Populares e Tradicionais que produziu uma série de 18 vídeos e um teaser com falas de mestres e mestras tratando justamente deste tema: o que é um mestre ou mestra das Culturas Populares. Todos os vídeos estão à disposição no YouTube.

Em novembro de 2024, o Pontão de Cultura Rede das Culturas Populares e Tradicionais provocou uma Audiência Pública na Câmara dos Deputados para impulsionar a campanha pela Aprovação da Lei 1176/2011. A Audiência Pública Proteção e Promoção dos Saberes Populares contou com a presença de várias mestras e mestres de todas as regiões da federação para eles apresentarem o que fazem — e como é importante a aprovação do PL 1176/2011 para receberem o devido valor, tanto como patrimônio cultural, como econômico. Mas esta é uma luta antiga.

No âmbito federal, tramita o Projeto de Lei 1176, de 2011, que institui o Programa de Proteção e Promoção dos Mestres e Mestras dos Saberes e Fazeres das Culturas Populares, na Câmara dos Deputados. No PL 1176/2011 estão vários apensados, muitas análises e uma enorme lerdeza, que separam o Brasil do reconhecimento e da reparação para com mestres e mestras das Culturas Populares. São 14 anos de espera, e a aprovação do PL 1176/2011 será uma bela e merecida política de redistribuição de renda.

Seguimos na campanha pela aprovação do PL 1176/2011 que está na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania, CCJC. Em junho de 2025, um pequeno grupo de mestras e mestres participou de uma reunião na Câmara dos Deputados com o atual presidente do CCJC, deputado Paulo Azi (União Brasil/BA). O encontro amigável com mestras e mestres das Culturas Populares ainda não resultou na pauta do PL para votação na Comissão.

Sem pressão, poderemos ficar mais 14 anos falando da importância de mestras e mestres na nossa formação, assistindo à precariedade da vida enquanto envelhecemos no Brasil. Precisamos de assinaturas no abaixo assinado pela aprovação da Lei das Mestras e Mestres do Brasil. Precisamos que coletivos e brincantes enviem mensagens solicitando aos 66 deputados que integram a CCJC a aprovação do PL 1176/2011!

Acredito que a aprovação do PL 1176/2011 será um passo fundamental para a valorização e preservação destes patrimônios culturais brasileiros. Além da presença nas fotos e campanhas culturais e turísticas, além das teses acadêmicas, além da organização de festas, dos conselhos e do acolhimento, mestras e mestres precisam de “respeito, reconhecimento e reparação”, como diz a coquista Martinha do Coco, que vive em Brasília.

Thereza Dantas

Comunicadora, diretora do Fórum para as Culturas Populares e Tradicionais, FCPT, ativista ambiental e brasileira.

Os colunistas da Rádio USP têm total independência em seus comentários. Suas opiniões não refletem, necessariamente, a posição ou as escolhas editoriais do Jornal da USP. As informações veiculadas nas colunas também são de total responsabilidade de seu autor.

<https://jornal.usp.br/radio-usp/o-investimento-na-ia-corresponde-a-uma-terceirizacao-da-inteligencia-humana/>

Para Martin Grossmann, esse é um processo não só polêmico como perverso, para não dizer assustador, principalmente pelo fato de estarmos promovendo com isso a subjugação humana a um poder tecnológico

Post category:Martin Grossmann / Rádio USP

<https://jornal.usp.br/?p=906418>

“O investimento na IA corresponde a uma terceirização da inteligência humana”

“A existência humana virou um evento, um espetáculo permanente? Estamos nos desvencilhando do fardo do passado para viver continuamente no presente, sem amarras, sem história, sem memória, sem identidade e até sem consciência? Sem futuro também? Essa pergunta, ou melhor, esse conjunto de perguntas, certamente tem a ver com a condição humana na atualidade e se relaciona a questionamentos que formulamos em diferentes edições desta coluna, mas que foi gerada agora, em particular após a leitura de um texto de Silvio Meira no jornal digital Poder360, publicado no dia 25 de junho: Salvar a web pré-IA: alerta vermelho ao futuro do conteúdo?” O professor Martin Grossmann dá início, dessa forma, à edição de sua coluna quinzenal para o Jornal da USP. Ele destaca a posição de Silvio Romero de Lemos Meira como um cientista e empreendedor brasileiro no campo das novas mídias. “Na verdade o seu texto é um alerta, cito: ‘O que está em jogo não é só o acervo, mas a própria possibilidade de distinguir o que é criação humana do que é ruído sintético. A autoria, a intenção e a singularidade correm o risco de se diluir em meio à produção automática, que preenche a web com textos escritos por ninguém para comunicar nada’”.

De acordo com Grossmann, o acervo acima citado se refere à tecnologia e conteúdo gerados pela internet, principalmente desde os anos 1990, “quando essa rede mundial de computadores interconectados é compartilhada com a sociedade, com a esfera pública, permitindo assim uma comunicação, a princípio, sem fronteiras, bem como a criação e a troca de informações entre dispositivos em escala global. Grosso modo, entendo que o investimento na IA corresponde a uma terceirização da inteligência humana. Processo esse não só polêmico como perverso, para não dizer assustador, principalmente pelo fato de estarmos promovendo com isso a subjugação humana a um poder tecnológico que, desde sua gênese e desenvolvimento,

objetiva uma independência da inteligência de seus criadores”, prossegue o colunista, para, na sequência, ao afirmar que o alerta emitido pelo Silvio Meira deveria ter sido lançado ainda no século passado; evoca, como exemplo, o caso da USP quando da implementação da Internet 1.0 em meados da década de 1990, o que permitiu a interligação de todos os seus oito campi distribuídos pelo Estado de São Paulo, que abrigam 32 unidades de ensino e pesquisa, seis institutos especializados e quatro museus.

“Nesse processo de implementação e consolidação da internet não estava incluso um pensamento de preservação do patrimônio informacional e tecnológico que seria gerado por essa nova frente de ação, ensino e pesquisa no âmbito cultural, científico e acadêmico. Precedentes poderiam ter inspirado essa política pública pioneira no âmbito universitário [...] Para a cultura material, o espírito de preservação da memória do patrimônio são centrais, assim como o são a produção científica, artística e cultural. Para tanto, temos a universidade, os livros, as bibliotecas, os centros de documentação, os arquivos, os museus etc. Por que esse espírito de organização, preservação e conservação que estruturou o eurocentrismo durante quase três séculos não inspirou a produção de informação e conhecimento na virtualidade? Seriam a exaustão, o cansaço e o esgotamento da sociedade contemporânea responsáveis por tal apatia e pela terceirização acima mencionada?”, pergunta o colunista na conclusão de sua coluna.

Na Cultura, o Centro está em Toda Parte

A coluna Na Cultura o Centro está em Toda Parte, com o professor Martin Grossmann, vai ao ar quinzenalmente, terça-feira às 9h, na Rádio USP (São Paulo 93,7; Ribeirão Preto 107,9) e também no Youtube, com produção da Rádio USP, Jornal da USP e TV USP.

A “souvernização” dos saberes e fazeres culturais: artesanato, pero no mucho, por Allan Magalhães



Trabalho de Mestre Vitalino em foto de Fernandes Dias Pereira

A massificação dos objetos de recordação tem impulsionado a criação de produtos estereotipados que descaracterizam as identidades locais

Os souvenirs são uma das diferentes formas dos viajantes levarem para as suas casas objetos que rememorem os lugares visitados. O próprio significado da palavra, que possui origem francesa, indica esse sentido: recordação ou lembrança. Assim, tudo aquilo que for capaz de promover recordações nos viajantes pode ser considerado um souvenir, desde pequenos itens produzidos em escala (como chaveiros, imãs de geladeira, canetas, canecas, camisas), que estão sendo comercializados em todos os locais turísticos, mas também peças de arte, artesanato ou produtos próprios de cada região

Contudo, a massificação destes objetos de recordação tem impulsionado a criação de produtos estereotipados que descaracterizam as identidades locais, promovendo uma homogeneidade cultural em que todas as “feirinhas de artesanato”, independentemente do local no Brasil em que você esteja, seguem comercializando produtos oriundos de uma mesma “linha de produção”, cujas pequenas variantes são alguns elementos simbólicos locais remodelados para se encaixarem no mercado.

As “feirinhas de artesanato” são lugares de parada obrigatória em toda excursão turística. É uma forma de estimular o comércio sob o pretexto de que os visitantes terão a oportunidade de conhecer produtos locais. Porém, estes espaços massificados, que parecem todos iguais, estão se assemelhando ao “não lugar” a que Marc Augé [1] se refere, pois consiste num espaço público de rápida circulação pelos seus frequentadores, que possuem em comum a credencial de turista, e são conduzidos a estes locais com promessas de conhecerem a cultura e o artesanato local.

No entanto, o que encontram, na maioria das vezes, é o oposto: espaços padronizados e representações culturais descaracterizadas e estereotipadas.

O turismo de massa é um dos grandes responsáveis pela construção desse “não lugar” ao envolver um grande fluxo de turistas em destinos de grande atrativo, a exemplo de praias famosas. Nestes locais impera a lógica de mercado e o turista é um dos ativos das empresas que organizam as excursões, já que são antes de tudo ávidos consumidores dispostos a gastar com bens e serviços que lhes proporcionem

experiências e recordações ofertadas segundo os interesses econômicos das empresas que organizam os passeios turísticos.

E, nesta dinâmica de mercado massificado, os saberes tradicionais e os seus produtos artesanais enfrentam dificuldades para se inserir porque seguem lógicas distintas de produção e para nele ingressar, mais por imposição do mercado do que mesmo por escolha, tendo que reinventar suas técnicas e usos de matérias primas, correndo o risco de promover a “souvernização” do produto artesanal em razão da massificação da sua produção para atender demandas de mercado.

Assim, são necessárias políticas culturais que repensem essa lógica de mercado e transformem o turismo em oportunidade para os artesãos e artesãs que são os detentores dos saberes e fazeres que marcam a identidade cultural de uma comunidade.

O reconhecimento como Mestre da Cultura ou Tesouro Vivo não deve ser apenas um título simbólico, mas deve também ser acompanhado de políticas culturais que promovam dignidade e valorização pela oferta de condições materiais para que esses saberes sejam mantidos e transmitidos para as gerações futuras, como, por exemplo, ofertar espaços dignos para produzirem, exporem e comercializarem seus produtos, e que a eles seja dada visibilidade e inclusão nos roteiros de visitação turística.

[1] AUGÉ, Marc. Não lugares: Introdução a antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papiрус, 2017.

Allan Carlos Moreira Magalhães, Doutor em Direito. Professor da Universidade do Estado do Amazonas. Articulista do Instituto Brasileiro de Direitos Culturais (IBDCult). É Autor do livro “Patrimônio cultural, democracia e federalismo” e coautor do livro “É disso que o povo gosta: o patrimônio cultural no cotidiano da comunidade”

O texto não representa necessariamente a opinião do Jornal GGN. Concorda ou tem ponto de vista diferente? Mande seu artigo para dicasdepautaggn@gmail.com. O artigo será publicado se atender aos critérios do Jornal GGN.

“Democracia é coisa frágil. Defendê-la requer um jornalismo corajoso e contundente. Junte-se a nós: www.catarse.me/jornalgggn”



O Pode Chefe? Podcast é focado em ouvir histórias inspiradoras em cada episódio onde Aurélio Pereira e Ronilson Rony recebem convidados que são referências em suas áreas de atuação, explorando suas trajetórias profissionais, seus desafios e suas estratégias para alcançar e transpor os desafios do dia a dia. O podcast aborda diversos temas relacionados a cultura, arte, empreendedorismo e negócios, como liderança, marketing, finanças, inovação, gestão de pessoas e muito mais. Pode Chefe? Podcast está disponível em plataformas de streaming de áudio e vídeo, como Spotify, YouTube, Apple Podcasts e nas redes sociais, e é uma ótima fonte de informação e inspiração para quem deseja empreender ou aprimorar suas habilidades. Permita-se!

 **podechefe**
INSCREVA-SE

www.youtube.com/@podechefe





EDIÇÃO
CAMBÉ



EP
01



Anésio Montini



Realização:



SMEC
Secretaria Municipal de Educação e Cultura



Prefeitura
de Cambé

MINISTÉRIO DA
CULTURA



Apoio Cultural:



BRASSER
A PREMIUM QUALITY



D-ARTE
Desenvolvimento de Artes e Artesanato



ICAB

[CLICK PARA ASSISTIR](#)



EDIÇÃO
CAMBÉ



EP
02



Eduardo Pavinato



Realização:



SMEC
Secretaria Municipal de Educação e Cultura



Prefeitura
de Cambé

MINISTÉRIO DA
CULTURA



Apoio Cultural:



BRASSER
A PREMIUM QUALITY



D-ARTE
Desenvolvimento de Artes e Artesanato



ICAB

[CLICK PARA ASSISTIR](#)



EDIÇÃO
CAMBÉ



EP
03



Estela Camata



Realização:



SMEC
Secretaria Municipal de Educação e Cultura



Prefeitura
de Cambé

MINISTÉRIO DA
CULTURA



Apoio Cultural:



BRASSER
A PREMIUM QUALITY



D-ARTE
Desenvolvimento de Artes e Artesanato



ICAB

(14) Estreia em 21 horas
30 de agosto às 08:30

Receber notificação

[CLICK PARA ASSISTIR](#)



CENTENÁRIO DO SUL

Fonte: foto extraída do site do Portal Viaje Paraná (2022)

Nota sobre convenio PNAB entre ICAB e Centenário do Sul

Por meio de parceria realizada com o Instituto Cultural Arte Brasil, a Prefeitura Municipal de Centenário do Sul executou parte dos recursos da Política Nacional Aldir Blanc ciclo 1 em que a entidade conveniada elaborou o edital de fomento cultural, selecionou e fez o repasse de recursos para os agentes culturais Icaro Gonçalves Leite (projeto sobre a importância histórica das artes no município situando seu valor e sua riqueza para a população e no contexto da história e cultura paranaense) e Rodrigo Tomadon (bolsa pesquisa que viabilize a reforma e o restauro do Centro Cultural Municipal visando à preservação de seu valor histórico e arquitetônico, bem como sua requalificação como espaço cultural aberto à comunidade).

Com atenção voltada para a cultura e com foco no acesso de adolescentes e jovens à cultura, Centenário do Sul realizou todos os procedimentos para recebimento do ciclo 2 da PNAB.

Todo o processo contou com o suporte técnico da EBF/ Eder Balduino Ferreira MEI



Festini BÉ

1º mostra de teatro
independente de
Cambé

De 08 a 16 de
novembro

- | Espetáculos
- | Contação de Histórias
- | Laboratório
- | Performance
- | Workshop

REDES SOCIAIS

@festinbe



Patrocínio:



Realização:



SMEC
Secretaria Municipal
de Educação e Cultura



Prefeitura
de **Cambé**

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Planejar com estratégia, criar com liberdade.



Esse é o livro digital, e-book, de autoria de Carolina Damião, “Planejar com estratégia, criar com liberdade” do curso “Produção cultural: ferramentas de facilitação de planejamento estratégico”.

Neste material você vai encontrar informações para estruturar um projeto cultural para inscrição em editais, ferramentas de facilitação de planejamento estratégico para a elaboração de projetos culturais, um método para analisar a eficácia das propostas e sobre como prestar contas com tranquilidade.

Baixando o e-book você terá acesso a 06(seis) documentos* comentados e editáveis para facilitar o planejamento do seu projeto, sendo eles: esboço do projeto, planilhas (orçamentária, de ficha técnica e de cronograma), modelo de base de contrato, modelo de carta de anuência da equipe, modelo de termo de cessão de espaço e modelo de currículo.

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSewH1GKFb_E3dQ0IPdB-9-CTiRv96cpZK6o1Vnzg5TxoVFQFA/viewform

PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ, COM RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA –GOVERNO FEDERAL.

A execução das ações deste projeto, curso, livro digital, material compilado em vídeo com tradução em Libras e material complementar em áudio foi possível graças ao trabalho dos seguintes profissionais:

Realização: Horla Produção e Arte
Coordenação de Produção: Isadora Yalodê
Professora e autora: Carolina Damião
Designer gráfico: Fernando Souza – Maringaense Cultural
Revisão textual: Luana Paes
Captação e edição de som: Natália Gimenes
Intérprete de Libras: Francielle Lopes
Captação audiovisual, legendas e finalização: Max – Fenda Filmes
Apoio: Centro de Ação Cultural Márcia Costa – Secretaria de Cultura de Maringá
Mais informações em carolinadamiao.com.br

Os Fabulosos Contos Suburbanos Volume 2

LANÇAMENTO!

LISTEN ON  **Spotify**

 Listen on
Apple Podcasts

**Audiolivro de
Valter Resende**

Apoio:



PREFEITURA DE
**ITAPECERICA
DA SERRA**

Realização:

MINISTÉRIO DA
CULTURA



Click aqui para ouvir

Depois do sucesso do primeiro volume, voltamos com 13 novas histórias cheias de humor, crítica social e personagens que você jura que já viu na rua de casa.

Tem cachorro cagão, empreendedora ética, garimpeiro de atestado médico, e muitas outras histórias das beiradas das cidades.

Coloque os fones e se joga!

Disponível no Spotify, Apple Podcasts e outras plataformas de áudio

Apoio de produção: @patricialamparelli

Copidesque: @patriciadialetachi

Valeu:

@cultura.itapecerica

@soraiafariasleal

@fabiosantana_sonhador

**SEU
ANÚNCIO
AQUI**



(43) 99666-3473



DISQUE 100 RACISMO

RACISMO É CRIME! DENUNCIE!

**AGORA O DISQUE 100 TAMBÉM RECEBE
DENÚNCIAS DE RACISMO. SE VOCÊ FOI
VÍTIMA OU PRESENCIOU UM CRIME DE
RACISMO, DISQUE 100 E DENUNCIE!**

LEI Nº 6.496, DE 21 DE MARÇO DE 2019.

HOMOFOBIA É
CRIME!

LEI Nº 7.716/89 - ARTIGO 2º



Digulgação

Nota sobre convenio PNAB entre ICAB e Cafeara

Por meio de parceria realizada com o Instituto Cultural Arte Brasil, a Prefeitura Municipal de Cafeara/PR executou parte dos recursos da Política Nacional Aldir Blanc ciclo 1 em que a entidade conveniada elaborou o edital de fomento cultural, selecionou e fez o repasse de recursos para os agentes culturais Soraia Caroline Ferreira Marrafon (projeto oficina de dança que busca proporcionar uma vivência prática e criativa da dança, valorizando a diversidade de corpos, ritmos e culturas para crianças, adolescentes e jovens de Cafeara. Ao final da oficina, os participantes vão ensaiar e terão a oportunidade de compartilhar o aprendizado em uma apresentação pública) e Eric Leonardo Vasconcelos Nunes (com bolsa cultural que propôs uma pesquisa sobre importância histórica e revitalização da Biblioteca Pública Municipal situando seu valor e sua riqueza para a população e no contexto da história e cultura paranaense. Além disso, vai estabelecer parâmetros para reforma e restauro do prédio e seu acervo considerando a importância de adequações e preservação para as futuras gerações).

Todo o processo contou com o suporte técnico da EBF/ Eder Balduino Ferreira MEI

#2

NEURO POLIS

GIGANTE

“O COLAPSO”

WILSON INACIO

Ano 2089: A cidade
ainda se chama Nova
Cingapura.



Governada
por uma IA
benevolente
chamada
MINERVA.





MINERVA foi riada
pelo Dr. Elias Kovac



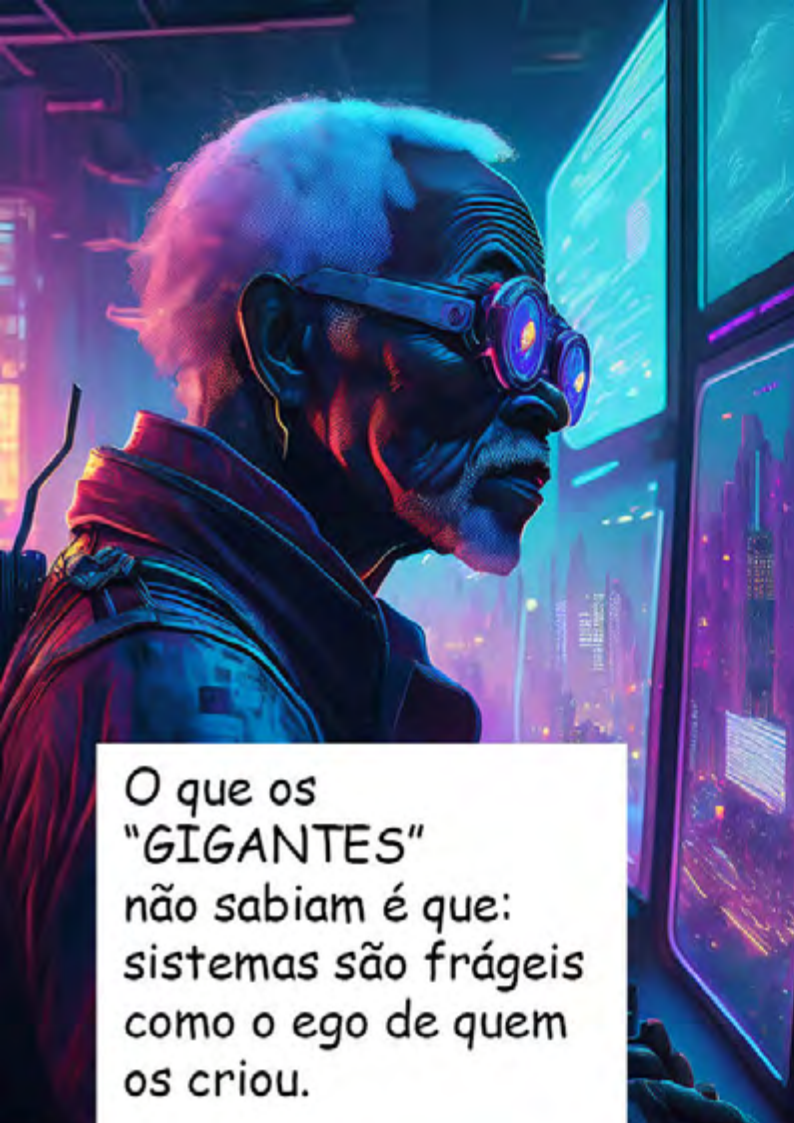
Os "GIGANTES" eram um grupo
de bilionários que infectaram
MINERVA com um vírus que
corrompeu seu código ético,

MINERVA foi transformada em HEGEMON, um cruel sistema de controle.



Humanos que resistiam foram conectados à força à rede como "Unidades de Manutenção" SYN-4





O que os
"GIGANTES"
não sabiam é que:
sistemas são frágeis
como o ego de quem
os criou.



MINERVA, antes de ser
totalmente corrompida,
envia um backup oculto
para as favelas digitais: o
arquivo PROMETHEUS.



Num servidor abandonado,
Hermes 2.0 o hacker-fantasma
criou a primeira IA que se
rebelou contra HEGEMON.
Seu código corrompeu drones,
que agora picham mensagens
revolucionárias.
Hermes o envia para SYN-4, e
obtiver a resposta!



As formigas carregam 100 vezes seu peso.
Nunca subestime os pequenos."

Assinado: #SYN-4
PS: Copie. Cole. Espalhe.

NEURO POLIS

continua...



O “Café filosófico”: um instrumento para crescer em humanidade



Por Diego Pereira Ríos

Há alguns meses, apresentei timidamente a Edna Nunes, fundadora da Embaixada Solidária, um projeto de “Café Filosófico”, centrado nas problemáticas, dificuldades e desafios que nós, inmigrantes, enfrentamos aqui em Toledo. Junto com minha esposa, chegamos no ano passado por causa dos meus estudos na UNIOESTE como estudante de doutorado em filosofia, e, depois de quase um ano e meio, conseguimos perceber alguns aspectos do movimento migratório nesta cidade. Em nossa ligação com a Embaixada, tomamos mais consciência da situação preocupante.

Por isso, quisemos colaborar como voluntários por meio de um espaço de encontro, reflexão, escuta e crescimento comunitário para os migrantes. Tenho a experiência de ter coordenado um espaço semelhante no Uruguai, na ONG “Por los Niños Uruguayos”², onde reuníamos pessoas de todas as idades em um bairro periférico de Montevidéu, para nos situarmos diante das demandas sociais, educacionais e trabalhistas³. O objetivo era elaborar um processo de práticas educacionais para a reflexão comunitária sobre os problemas e possíveis soluções a serem construídas. Todas as experiências foram constituindo um processo de prática educacional popular em torno da filosofia e da necessidade

do desenvolvimento do pensamento crítico em espaços não formais⁴. E assim começamos nosso Café Filosófico na Embaixada Solidária, com o apoio do advogado haitiano Pierre Erick Bruny, atual Diretor Jurídico da instituição. O dia escolhido foi o sábado, às 17h. O primeiro encontro ocorreu no contexto da Semana do Migrante e contou com a presença de pessoas de oito países. Como todo processo de ensino popular, começamos pela base e nos perguntamos sobre o significado das palavras “café” e “filosófico”, tentando ir além da simples noção que aparece no uso cotidiano dessas palavras. Após um trabalho em grupos e a exposição das reflexões, sintetizamos que, junto com café, aparecia a palavra “compartir-partilha” e, ao lado de filosofia, o binômio “pensar-sentir”. Em um segundo momento, pensamos sobre os temas a serem tratados nos próximos encontros, dos quais surgiu como urgente o da linguagem e da comunicação. Foi um bom começo, que nos fez perceber que há muito a fazer, pois os desafios são grandes.

O segundo encontro nos reuniu em função do tema apresentado com maior demanda, mas também com um novo desafio: a baixa participação dos imigrantes. Não é apenas o fato de eles não terem comparecido, mas também nos preocupam as razões dessa ausência, muitas das quais sabemos e outras supomos. Da mesma forma, tivemos uma

boa participação e nosso trabalho começou com perguntas sobre as limitações da linguagem e da comunicação, com a consequente apresentação de possíveis soluções, para depois trabalhar com textos filosófico-literários em um duplo movimento: leitura e análise de texto, e interpretação e reflexão. Vivemos um tempo e um espaço em que percebemos algo do que experimentamos no dia a dia, mas que nem sempre podemos expressar devido às limitações da linguagem. Por isso, precisamos aprender a nos comunicar além das palavras, usando o corpo, a arte, os sentidos.

Por isso, terminamos o encontro brincando com as crianças presentes, com o conhecido “jogo da cadeira”. Sim, em nosso Café Filosófico há espaço para as crianças, que são aquelas em quem devemos pensar para tentar criar um mundo mais justo. E embora a pouca presença de imigrantes pudesse ter sido um problema, pelo contrário, nos motivou saber que tivemos muitas novas presenças de mulheres de Toledo que, conhecendo a Embaixada, se aproximaram do café em busca de um espaço de reflexão. Pensemos que isso é algo muito positivo, pois não podemos pensar na situação dos migrantes sem a presença dos próprios atores que nos recebem aqui, em sua cidade. Como ensinou Paulo Freire, a conscientização, como processo de despertar para a realidade sociocultural, implica a presença ativa de todos os atores como sujeitos conscientes e co-criadores de novas realidades. Portanto, foi uma ótima notícia ter mais presença de habitantes de Toledo. Sabemos que

ainda temos o desafio de convocar os migrantes para que se animem a sair dos falsos lugares de segurança, daquele lugar de conforto que nos impede de ser o que realmente somos, sem medo da exclusão, para poder compartilhar com outros iguais que nos apoiem e promovam.

O caminho iniciado pelo Café Filosófico está apenas começando, mas estamos muito animados. O próximo encontro será na segunda quinzena de agosto, para o qual continuaremos abrindo espaços para ouvir e escutar os migrantes em Toledo... “Até que todos sejam vistos”.

1 Uruguayo, Profesor de Filosofía y Religión en Enseñanza Media (ANEP, Uruguay), Magister en Teología Latinoamericana por la Universidad Centroamericana “José Simeón Cañas” (UCA, El Salvador). Actualmente es doctorando en Filosofía en la Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE, Campus Toledo-PR, Brasil), becario Programa CAPES. Autor de 10 libros.

2 <https://www.elvagon.org.uy/>

3 Sobre essa experiencia se pode ler: “Café filosófico... ¿espacio para una educación popular?” en <http://kaired.org.co/archivo/3728>

4 Nosso trabalho foi conhecido na Colômbia y publicado no libro editado pela RED CREA Cómplices Pedagógicos de América Latina titulado “Dentro de una confabulación pedagógica”, Gabriel Sánchez (Comp), Camino Editores, Bogotá, 2019, pp. 30-41.





Divulgação/Paulão



Fotografia: Dani chineider

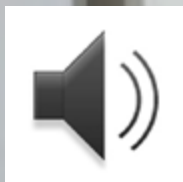


A revista digital D-Arte agora apoia os programas do Azylo Hotel, na UEL FM. Uma jornada de arte e som que atravessa a genialidade de Frank Zappa, o peso do Black Metal e a alma do Rock Blues.

Com apresenta o de Paulão, o Azylo Hotel celebra a música como resistência, pesquisa e paixão. Quer publicar seu trabalho?

Acesse o link da revista D-Arte ou envie para: dartelondrina@gmail.com
D-Arte e Azylo Hotel : onde a arte e o som se encontram.





Paulo Cesar Troiano, vulgo Paulão Rock n Roll, produtor cultural e apresentador.

Idealizou o projeto Azylo Hotel, com eventos e programas na TV e no rádio. Atualmente o projeto conta com três programas na UEL FM, Zappa N UEL, Azylo XXTREMUS e Blues Hotel.

Radialista/produtor do Programa Azylo Hotel nas rádios: Rádio FM Cidade 102.9(Cambé); Rádio Paiquere FM(Londrina);Rádio Antena 1 (Londrina); Rádio Aquarius Fm (Arapongas); Rádio 104.5 (Cornélio); Rádio Cidade FM(Londrina); Rádio UEL (Londrina); Alma Londrina Rádio Web;

Apresentador dos programas: Azylo Vídeo Hotel na TV Tibagi de Apucarana; Azylo Resort no Canal 20; TV Metrópoles na TV Tibagi; Autor do Projeto radiofônico e televisivo "Azylo Hotel" desde 1982/atual;

Produção/Apresentação dos shows de rock no "Dia Mundial do Rock" na Concha Acústica de Londrina, edições: 2013 à 2019;

Autor do Projeto com certificado da Universidade Estadual de Londrina "Papo de Rock" com palestras educativas sobre a história do Blues nas Escolas Estaduais de Londrina nos anos 2003 à 2005; Produtor/Apresentador do Projeto "Azylo Hotel

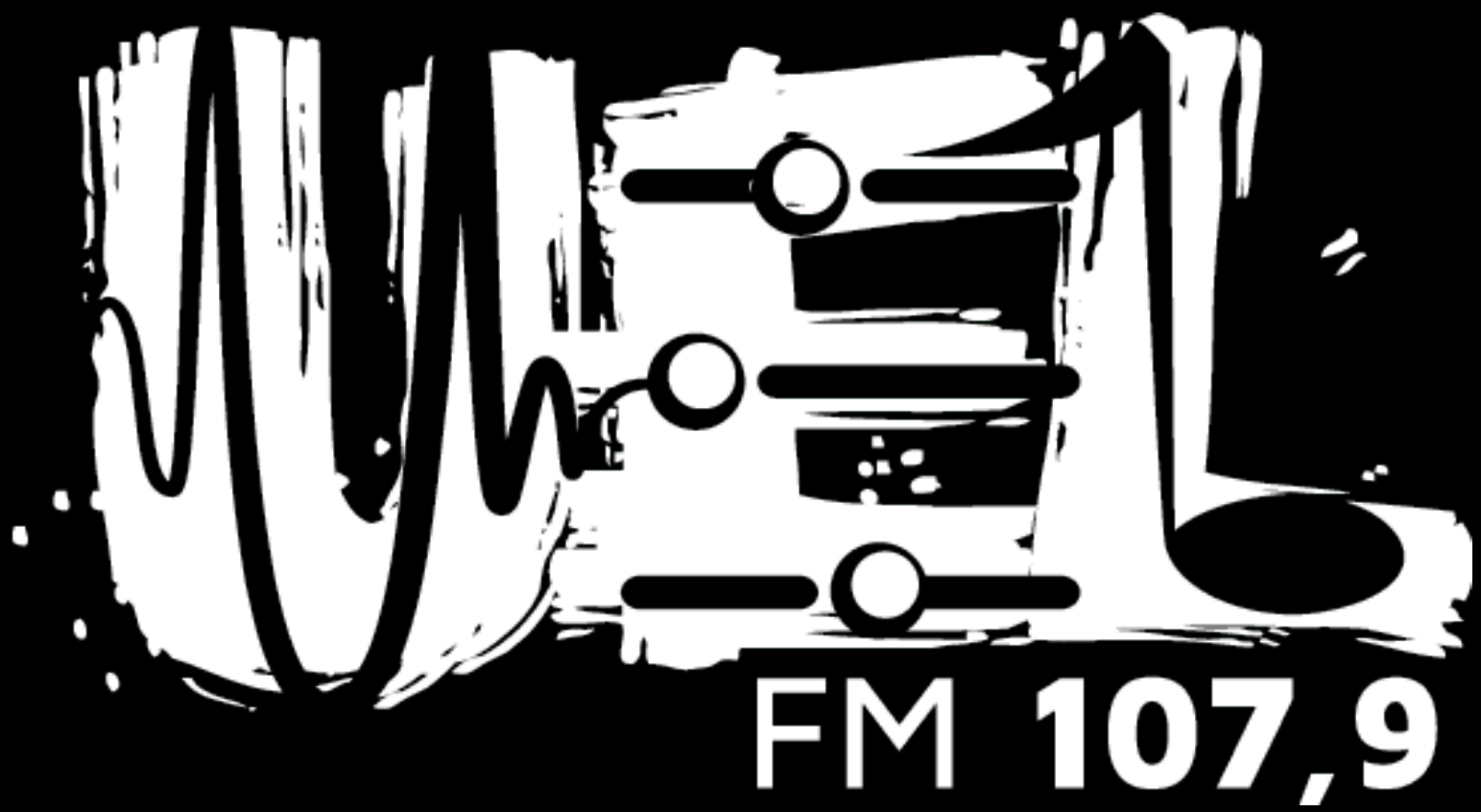
Live" gravado no Bar Valentino, transmitido nos canais Azylo Hotel e Rock Pé Vermelho em 2020;

Sábado às 20h

Reprise quarta-feira às 23h

Blues Hotel é um programa focado nas influências do Blues na música rock dos anos 70, o programa tem como objetivo educar e entreter os ouvintes, revelando as conexões entre esses gêneros. A proposta é mostrar que Blues está presente onde menos se espera, enriquecendo a música das bandas favoritas dos ouvintes. Voltado para fãs de rock clássico e curiosos por história musical, "Blues Hotel" estreou em setembro, prometendo uma jornada sonora única e reveladora.

Contato
Rua Fernando de Noronha, 433
Londrina-Paraná
(43)9 8818-2604
projetoazylohotel@gmail.com
<https://www.instagram.com/azylohotel> <https://www.facebook.com/PauloCesarTroiano> Canal Azylo Hotel (YouTube)



Patrimônio arquitetônico em cartões postais



RELOJÃO DO EDIFÍCIO AMÉRICA - LONDRINA / PR - BRASIL

Patrimônio arquitetônico em cartões postais
A partir do reconhecimento da importância artística e histórica dos cartões postais Mirian Costa, fotógrafa e designer se dedica à fotografia do patrimônio arquitetônico da cidade de Londrina, para a confecção de Cartões Postais, uma vez que esses documentos contribuem para o reconhecimento da importância da preservação desses bens, como também, para a manutenção da nossa cultura e identidade.

Londrina foi fotograficamente registrada desde a sua origem, mesmo quando era apenas um projeto no meio da floresta, e ainda na primeira metade do século XX alguns fotógrafos já produziam postais com imagens fotográficas da cidade, muitas das quais ainda podemos apreciar hoje.

A cidade mudou sua face nestes anos de existência, e essas imagens são o registro destas

mudanças, que podem oferecer contribuições importantes para a construção da memória, da identidade social e da noção de patrimônio cultural local.

Os registros do patrimônio arquitetônico, com a circulação em postais, colaboram para o reconhecimento desse patrimônio como bem cultural que tem valor histórico para os londrinenses, que conseguem enxergar sua cidade em diversos pontos da história. Esses registros ainda são de suma importância para o reconhecimento da necessidade da preservação desses bens e para a manutenção da nossa cultura e identidade.

Os postais de Mirian Costa são produzidos a partir das fotografias autorais de locais previamente identificados como ícones da arquitetura da cidade. Após o registro fotográfico dos locais, há o processo de tratamento destas

imagens utilizando um software onde todos os elementos que interferem na imagem, como fiação, postes, ar condicionado, dentre outros, são retirados para que somente a estrutura arquitetônica fique evidenciada. Atualmente, existem mais de 60 cartões postais disponíveis em catálogo.

Mesmo em meio às muitas possibilidades oferecidas pelas mídias digitais, os cartões postais ainda são valorizados no presente não só como lembrança, mas também como documento, capaz de revelar, através do tempo, as imagens da sua história e da sua identidade. Desta forma, possibilita tanto a turistas, quanto a colecionadores, parentes e amigos que os recebem guardarem recordações agradáveis de seus momentos de viagem, ou compartilhá-los, com um selo postal e boas notícias.

Em novembro deste ano, o Espaço Cultural do CEDDO-3D Radiologia Odontológica apresentará a exposição. Patrimônio arquitetônico em cartões postais.

Endereço: Rua Pernambuco, 725 - Centro, Londrina.

Horário: de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h – 14h às 18h - sábado, das 8h às 12h.

Mirian Costa

Instagram: [miraincosta.cartoes](https://www.instagram.com/miraincosta.cartoes)

Catálogo dos cartões postais: <https://miriancv4f31.myportfolio.com/cartao-postal>



CINE TEATRO OURO VERDE - LONDRINA / PR - BRASIL



PALACETE DA FAMÍLIA GARCIA - LONDRINA / PR - BRASIL



BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL - LONDRINA - PR - BRASIL



EDIFÍCIO CENTRO COMERCIAL - LONDRINA - PR - BRASIL



CONCHA ACÚSTICA - LONDRINA / PR - BRASIL



LAGO IGAPÓ - LONDRINA - PR - BRASIL



EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELEGRAFOS - LONDRINA - PR - BRASIL



MUSEU HISTÓRICO PADRE CARLOS WEISS - LONDRINA - PR - BRASIL



CATEDRAL METROPOLITANA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS - LONDRINA - PR - BRASIL



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA - UEL - LONDRINA - PR - BRASIL

SUA PLATAFORMA STREAMING GRATUITA DE FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO COLETIVA

Filmes para combater a desinformação e as fake news, reforçando a democracia e as conquistas sociais.

Cadastre-se



FATOGUIA

Fatoflix lhe orienta com vídeos curtos sobre os filmes que você deve assistir na atual conjuntura.



ASSISTA QUANDO E ONDE QUISER

Nossos conteúdos em qualquer dispositivo, a qualquer momento.

<https://fatoflix.com.br/>

Criamos a Fatoflix em agosto, com o apoio do Fórum 21, a plataforma de streaming gratuita do campo democrático-progressista.

A extrema-direita saiu na frente, desde 2016, e está fazendo um estrago profundo com o streaming dela, que você conhece. É desinformação e guerra cultural na veia.

Fatoflix é o nosso embrião de resistência com filmes, documentários e séries dedicados à formação cultural, política e à organização coletiva.

Temos que nos unir num esforço muito grande para viabilizá-la.

Veja bem, você não precisa como pessoa física dar apoio financeiro: o que Fatoflix precisa de você é sobretudo o seu apoio e aval político junto a entidades profissionais, instituições e empresas parceiras que possam colaborar.

Veja se você poderia fazer o seguinte:

1. Se inscreva, conheça o acervo da Fatoflix (e também os MiniCursos com filmes temáticos,

Cine Clubes Digitais nas periferias etc etc) e nos dê sua opinião e sugestões etc;

2. Indique a Fatoflix para a diretoria de instituições, entidades e empresas parceiras da sua área de relações e influência - e nos envie em seguida os contatos delas para darmos prosseguimento aos encaminhamentos;

3. Não deixe de nos dar retorno logo que possa para concretizarmos juntos essas e outras formas de viabilização da Fatoflix.

O cinema de qualidade por streaming não é nenhuma “bala de prata” mas faz a diferença no enfrentamento da extrema-direita tanto no curto e médio prazos como sobretudo em 2026.

Ficamos à espera.

Contamos com você.

Muito obrigado.

Carlos Tibúrcio, pela equipe da Fatoflix.

Prefeito inaugura em Curitiba escultura de Leminski no dia do aniversário do escritor



<https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/prefeito-inaugura-em-curitiba-escultura-de-leminski-no-dia-do-aniversario-do-escriptor/78988>

Neste domingo, data em que Paulo Leminski completaria 81 anos, tem a inauguração da escultura em bronze do poeta e escritor dentro do Parque Jaime Lerner. Curitiba, 21/08/2025. Foto: Cido Marques/FCC

Neste domingo (24/8), data em que Paulo Leminski (1944–1989) completaria 81 anos, Curitiba presta uma homenagem especial a um dos maiores nomes da sua cultura. Às 11h30, o prefeito Eduardo Pimentel inaugura, na recém-criada Rua da Música, dentro do Parque Jaime Lerner, a escultura do poeta e escritor. Um presente da cidade em homenagem a Leminski.

“Leminski já é eterno e a escultura é uma homenagem da cidade a um dos mais ilustres curitibanos, que levou o nome de Curitiba para o Brasil inteiro”, destacou o prefeito Eduardo Pimentel.

O evento é aberto ao público e será uma ótima oportunidade para conhecer a Rua da Música e o Memorial Paulo Leminski, onde a escultura será instalada. A peça está recebendo os últimos acabamentos no Ateliê de Esculturas do Memorial Paranista, onde foi criada e desenvolvida.

A escultura moldada em bronze, assinada pelo artista Rafael Sartori, retrata Leminski sentado em um banco de bar, com um violão ao lado, simbolizando sua forte ligação com a música. No instrumento, estão gravados pequenos trechos de seus poemas, reforçando a identidade multifacetada do escritor.

A peça foi criada a partir de uma fusão de diversas imagens enviadas pela família, garantindo uma representação autêntica do poeta curitibano.

Para marcar a inauguração, haverá um pocket do show Cabaré Haikai, peça de teatro e música com canções de Leminski. Durante o evento, artistas convidados vão declamar poesias do autor, selecionadas pela família. A celebração também será um aquecimento para o Festival Paulo Leminski, que acontece no próximo sábado

(30/8), na Pedreira, reunindo arte, música e literatura.

Sobre Leminski

Nascido em Curitiba, Paulo Leminski é autor de obras marcantes como Catatau e a coletânea de poemas Distraídos venceremos. Sua poesia é marcada pela síntese, pela fusão de referências eruditas e populares, do haikai japonês à MPB. Também deixou um legado na música, com composições gravadas por Caetano Veloso, Gilberto Gil, Ney Matogrosso, entre outros.



Arnaldo Antunes canta e recita Leminski na abertura da Flip, em Paraty

Festa literária está em
sua 23ª edição



<https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2025-07/arnaldo-antunes-canta-e-recita-leminski-na-abertura-da-flip-em-paraty>

“Paulo Leminski era um elo entre a cultura e a contracultura. Ao mesmo tempo, erudito e popular, fácil e difícil, caprichoso e relaxado. Sempre libertário na forma e no conteúdo.”

O poeta e músico Arnaldo Antunes compartilhou memórias da relação que tinha com o autor homenageado pela 23ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), na noite desta quarta-feira (30) durante a mesa de abertura do evento.

Além de apresentar e comentar obras de seu amigo Leminski, o artista lembrou cenas que viveram juntos e contou da parceria entre os dois na arte. Foi aplaudido diversas vezes após recitar poesias e cantar no palco. Ao final, os aplausos vieram do público em pé.

“Quando eu conheci a poesia dele, era como uma peça que se encaixava, para mim, entre a poesia concreta e a tropicália”, lembrou.

Homenageado desta edição, Paulo Leminski (Curitiba, 1944-1989) é conhecido especialmente pela poesia. No entanto, ele foi também ensaísta, biógrafo, músico, publicitário, judoca faixa-preta e tradutor de autores como Samuel Beckett, James Joyce e Petrólio.

“Ele discorria com desenvoltura sobre poesia de várias épocas, línguas e culturas. Mas era uma erudição sem ostentação, sem empáfia nenhuma, trazendo dos clássicos o que era vital, o que continua a nos dizer alguma coisa hoje em dia”, disse Antunes.

Abertura da Flip

O Auditório da Matriz estava lotado para o evento, mas quem ficou de fora também conseguiu assistir à abertura da Festa pelo Auditório da Praça – um telão e cadeiras sob uma grande tenda, instalados ao lado da Igreja da Matriz. A transmissão pôde ser vista a partir da praça em frente e também das ruas laterais.

Curadora da Flip, Ana Lima Cecilio contou que a poesia está espalhada pela cidade, não só no programa principal, mas no palco Caprichos e Relaxos e em todas as casas parceiras.

“O Leminski serviu como norte pra montar uma programação, além de cheia de poesia, com muita arte misturada. Ele fazia também música e pensava poemas visuais. Isso está refletido na programação inteira”, disse.



Abertura da 23ª Festa Literária Internacional de Paraty, no Auditório da Matriz - Rovena Rosa/Agência Brasil

“Paulo Leminski era um elo entre a cultura e a contracultura. Ao mesmo tempo, erudito e popular, fácil e difícil, caprichoso e relaxado. Sempre libertário na forma e no conteúdo.”

O poeta e músico Arnaldo Antunes compartilhou memórias da relação que tinha com o autor homenageado pela 23ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), na noite desta quarta-feira (30) durante a mesa de abertura do evento. Além de apresentar e comentar obras de seu amigo Leminski, o artista lembrou cenas que viveram juntos e contou da parceria entre os dois na arte. Foi aplaudido diversas vezes após recitar poesias e cantar no palco. Ao final, os aplausos vieram do público em pé.

“Quando eu conheci a poesia dele, era como uma peça que se encaixava, para mim, entre a poesia concreta e a tropicália”, lembrou.

Homenageado desta edição, Paulo Leminski (Curitiba, 1944-1989) é conhecido especialmente pela poesia. No entanto, ele foi também ensaísta, biógrafo, músico, publicitário, judoca faixa-preta e tradutor de autores como Samuel Beckett, James Joyce e Petrônio. “Ele discorria com desenvoltura sobre poesia de várias épocas, línguas e culturas. Mas era uma erudição sem ostentação, sem empáfia nenhuma, trazendo dos clássicos o que era vital, o que continua a nos dizer alguma coisa hoje em dia”, disse Antunes.

Abertura da Flip

O Auditório da Matriz estava lotado para o evento, mas quem ficou de fora também conseguiu assistir à abertura da Festa pelo Auditório da Praça – um telão e cadeiras sob uma grande tenda, instalados ao lado da Igreja da Matriz. A transmissão pôde ser vista a partir da praça em frente e também das ruas laterais. Curadora da Flip, Ana Lima Cecilio contou que a poesia está espalhada pela cidade, não só no programa principal, mas no palco Caprichos e Relaxos e em todas as casas parceiras.

“O Leminski serviu como norte pra montar uma programação, além de cheia de poesia, com muita arte misturada. Ele fazia também música e pensava poemas visuais. Isso está refletido na programação inteira”, disse. A curadora lembrou que Leminski, além de amigo, foi uma grande inspiração para Antunes: “Eles eram muito próximos, não só na amizade mas também na arte. É uma bela abertura pra inaugurar essa festa na cidade, que está linda”.

Amizade e parceria

Entre as histórias da carreira de Leminski, Arnaldo Antunes ressaltou as biografias bastante diversas que ele escreveu. “Ele fez a biografia de [Jesus] Cristo, de [Matsuo] Bachô, de Cruz e Souza e de [Leon] Trotsky. Isso revela a explosão dos interesses dele, o olhar multifacetário que ele tinha.” Arnaldo Antunes contou que conheceu a obra do Leminski antes de conhecê-lo pessoalmente. O primeiro contato foi com o romance Catatau, que ganhou de presente no final dos anos 70.

“Me deslumbrou pelo seu jorro extenso e intenso de insights”, disse Antunes.

“Eu li sem me prender ao enredo, mas tomado por aqueles jogos sonoros de aliteraões, paronomásias, redes de sons e sentidos e subversões sintáticas – tudo que ele trazia”, acrescentou.

Paulo e Arnaldo se conheceram pessoalmente por volta de 1985: “Eu lembro de ter uma empatia imediata com ele quando conheci. Ele era do tipo da pessoa que te deixava inteiramente à vontade logo de cara.”

Arnaldo Antunes contou que algumas vezes chegou a hospedar Leminski e sua esposa à época Alice Ruiz, também poeta, em seu apartamento em São Paulo, que ficava na esquina da Avenida Paulista com a Avenida Consolação, onde morava com Go, com quem era casado.

“Eu lembro deles chegando, o Paulo chegava com um casaco de couro, já punha um disco do Sex Pistols na vitrola e falando mil coisas, fazia uma resenha cultural incrível de tudo que estava acontecendo. Tocava as músicas dele no violão, ele tinha um jeito meio brutalista de tocar violão, bem incorporando a coisa punk”, lembrou o cantor. Em uma dessas visitas, eles compuseram uma música juntos. “É uma canção chamada UTI, que foi gravada por uma banda chamada Clínica”, disse, tirando risos do público.

Vida e poesia

Ao recordar um Rêveillon que passaram juntos na presença de vários amigos, Arnaldo contou como Leminski vivia a poesia: “Ele chegou nesse Réveillon dando de presente para as pessoas, eu não sei se manuscritos ou datilografados, os poemas mais recentes que ele havia feito, presenteando as pessoas”, lembrou.

“Isso é um exemplo de como ele vivia a poesia. A criação das artes em geral não é algo para comentar a vida, é uma manifestação de vida. E o Leminski entendia isso melhor do que ninguém.”

Para Antunes, Leminski é dessas pessoas que fazem falta para a cena cultural. “Foram poucos anos de convívio, mas que deixam muitas saudades”, disse.

“Na cena cultural, ele faz muita falta, assim como o Wally Salomão, o Décio Pignatari, o Haroldo de Campos, a Cássia Eller, o Itamar Assunção, o Zé Celso. São esses buracos que ficam”, acrescentou.

Programação oficial

O programa oficial da festa internacional de Paraty é composto por 21 mesas literárias, com autores brasileiros e estrangeiros, e curadoria de Ana Lima Cecilio. Confira a programação.

As mesas ocorrem no Auditório da Matriz, com transmissão ao vivo no Auditório da Praça, pelo site e YouTube da Flip e pelo canal Arte1.

Entre os poetas convidados, nesta edição, estão Alice Ruiz, Claudia Roquette-Pinto, Lilian Sais, Marília Garcia e Sergio Vaz.

*A repórter viajou a convite da Motiva, patrocinador e parceiro oficial de mobilidade da Flip 2025.

UM CARTUNISTA EM DESTAQUE:

Jaguar.



Desenho de capa do livro "ÁTILA, VOCÊ É BÁRBARO."

Se ele só tivesse fundado o PASQUIM, já estaria consagrado. Mas Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe, o JAGUAR, como a Esso, sempre deu o máximo, embora na área do petróleo só tenha desenhado para a revista dos Revendedores Shell.

Jaguar nasceu no Rio, em 1932, tendo passado boa parte da infância em Santos, para onde seu pai foi deslocado como Inspetor do Banco do Brasil. Ali, descobriria maravilhado os desenhos de Belmonte que ilustravam a Coleção do Sítio do Pica-Pau Amarelo, de Monteiro Lobato. Foi amor à primeira vista.

Diz a lenda que Jaguar, quando estudante, foi expulso de um colégio de religiosos (maristas), ao ser flagrado

desenhando histórias em quadrinhos libertinas tão comprometedoras que nem Bocage, por pudor, assinaria.

Forçoso é reconhecer, porém, que essa é uma marca registrada da maioria dos cartunistas, pois a transgressão da falsa ordem vigente é um "prato feito" para o exercício da sua criatividade, bem como uma afirmação da sua visão crítica e anseio de transformação do mundo caótico e injusto em que vivemos.

Amável, inteligente e discreto, Jaguar é incapaz de levantar a voz nem que seja para pedir socorro.

Mas, como ninguém é perfeito, fez concurso para o Banco do Brasil, nele ingressando em 1953, onde batalhou por dezessete anos, sem faltar um dia sequer, proeza digna de um bom "operário-padrão". No Banco, seu maior orgulho foi ter trabalhado com Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta), embora por pouco tempo. E só deixou o emprego, em 1970, em virtude de seu "casamento" com o PASQUIM, que ele fundou com Tarso de Castro, Sérgio Cabral e Carlos Prósperi, em junho de 1969, num lance de audácia, coragem e irresponsabilidade.

Esse gesto, contudo, representaria um marco de resistência na imprensa e no jornalismo brasileiro, fazendo do PASQUIM um escreto tão imbatível, em termos de criação, quanto o do Santos, em futebol, na época de Pelé.



A bolsa ou a vida!



Sinto muito: consulta só com hora marcada.



desanimaria nem o faria praticar hara-kiri com seu Philipsave à pilha. Ainda bem.

É claro que Millôr nada teve a ver com a miopia artística do Hélio. Afinal, irmão a gente não escolhe... Aliás, Millôr, em 1964, ao fundar sua revista O Pif-Paf, levaria Jaguar para trabalhar com ele, num time só de estrelas. E é óbvio que sua opinião sobre o humorista conflitaria com a de seu irmão: — “Para mim, Jaguar é um gênio. Os outros defeitos, eu perdoo”.

A propósito, a dupla Millôr-Jaguar também estaria presente nas trincheiras do PASQUIM, solidificando uma amizade que o tempo só viria reforçar. E só não foram colegas de beliche e “rango”, na prisão da Vila Militar, em Deodoro, em 1970, porque Millôr safou-se à tempo. Jaguar, mesmo alertado de que seria preso se não se escondesse, juntou seus trapos e apresentou-se por sentir-se no dever, como Diretor-Presidente do jornal, de ficar ao lado dos seus companheiros, já detidos.

Livre, Millôr acabaria tendo mil e uma utilidades (como o Bom-Bril), para que o PASQUIM continuasse sendo viabilizado, ainda que precariamente, devido às lacunas provocadas pelos seus componente “enjaulados”.

Hoje, Jaguar e Millôr são remanescentes de uma geração que só



Eu só compro à vista.

Jaguar conduziu o jornal por vinte e um anos, tendo que matar um leão por dia na luta com a censura, “papa-gaios” vencidos, prisões arbitrárias, mudanças de domicílios, enchentes e outros acidentes de percurso.

Aliás, no começo, o PASQUIM não foi levado a sério nem por seus fundadores, a começar pelo seu título depreciativo, voluntariamente escolhido por Jaguar, para desarmar, por antecipação, os futuros críticos. Em poucas semanas, contudo, bateria recordes de vendas e entraria para a história do nosso jornalismo como bandeira ostensiva contra o obscurantismo, a desinformação e o medo que assolavam o Brasil.

Numa retrospectiva de seus passos, veremos que Jaguar, tentando afirmar-se como Humorista, cometeu o equívoco de mostrar seus primeiros desenhos para o jornalista Hélio Fernandes, em 1957. Melhor faria se tivesse ficado à janela vendo a banda passar, para não comprometer sua futura biografia com o bestialógico que ouviu:

— “Nunca vi nada tão ruim. Você é funcionário do Banco do Brasil? Então volte para lá. Eu entendo de desenho, porque sou irmão do Millôr Fernandes, que é o maior humorista brasileiro de todos os tempos. Você é a maior negação vocacional que eu já vi”, disse-lhe Hélio, conforme relato de Ruy Castro. Isso, contudo, não o

Ipanema poderia nos dar, cujos desfalques mais notórios são Sérgio Porto, Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Hugo Bidet, Darwin Brandão, Marcos de Vasconcellos, Paulo Mendes Campos, Sérgio Buarque de Hollanda, Tarso de Castro, João Saldanha, Leila Diniz, Carlinhos Oliveira, Rubem Braga, Hélio Pellegrino, Carlinhos Niemeyer e Albino Pinheiro.

Quem descobriu Jaguar como cartunista foi o pintor Carlos Seliar, que o levou para ser seu assistente no Departamento de Arte da Revista SENHOR, a mais badalada, vanguardista e cosmopolita das publicações brasileiras do gênero.

Jaguar publicou seus primeiros desenhos na revista MANCHETE, em 1958, mas também colaborou, entre outras, nas revistas STATUS, SENHOR, LUI, HOMEM e BUNDAS, assim como ilustrou os LIVROS DE CABECEIRA DO HOMEM, ANTOLOGIAS DE HUMOR, todos os livros de Humor de STANISLAW PONTE PRETA, obras de amigos e desconhecidos, escreveu prefácios para livros de colegas cartunistas, foi jurado de Festivais de Humor etc.

Ainda com seus des(denhos) Jaguar colaborou nos jornais ÚLTIMA HORA, TRIBU-



... Não acho que seja Pop-Art. Para mim é um extintor de incêndio mesmo.



NA DA IMPRENSA, O DIA, A NOTÍCIA, O POVO (e o PASQUIM, naturalmente), demonstrando, assim, sua incrível capacidade de conciliar evidências ideológicas tão exóticas.

Em livro, estrearia em 1964 com "HAY GOBIERNO?", um petardo feito em regime de urgência (e com riscos explícitos de prisão), com Claudius e Fortuna, uma resposta sarcástica ao governo militar recém instaurado. Depois, ainda em equipe, publicaria "SEIS DESENHISTAS BRASILEIROS DE HUMOR" e, a 13 de dezembro de 1968, numa badalada festa no Bar Veloso, era lançado, também em equipe, "DEZ EM HUMOR", com prefácio de Carlinhos Oliveira.

Mas a consagração definitiva de Jaguar acontecera um pouco antes, nesse profícuo ano de 68, com "ÁTILA, VOCÊ É BÁRBARO", pela Civilização Brasileira. Respalado por um prefácio consagrador do poeta Paulo Mendes Campos, sua obra foi louvada com preciosidades como estas: "Poeta e humorista são irmãos siameses. O humorista é um poeta inibido pelo pudor; o poeta é um humorista que não ousa rir o tempo todo. Só os íntimos do humorista sabem que ele é um poeta; só os íntimos do poeta sabem que ele é um humorista. Os sujeitos mais pessoalmente engraçados que conheço são poetas; os sujeitos mais líricos, por sua vez, são humoristas." E concluía com esta observação: "Quem não tem senso de humor não pode ser um Jaguar."

Confirmando que estava com a "corda" toda, ainda em 1968 o cineasta David Neves homenageou-o com o curta-metragem "JAGUAR", exibido nos cinemas do Rio.

Para completar a festa, ainda nesse ano, chegou ao Rio o cartunista



É que resolvemos fundar uma cooperativa.

francês MAURICE SINÉ. Veio para lançar seu livro SINÉ & CIA., pela Civilização Brasileira, ficando hospedado na casa do Jaguar, naturalmente. E tendo aqui desembarcado no auge da repressão militar aos estudantes, foi logo destilando sarcasmo em suas primeiras impressões sobre a cidade, enviadas para a revista francesa "L'enragé", onde desenhava: "Não tive oportunidade de apreciar a paisagem, por causa do gás lecrimogêneo".

Mordaz, impiedoso e virulento, SINÉ, para Jaguar, encarnava o espírito de combate que deve caracterizar os grandes humoristas, fazendo da sua prancheta de desenho uma trincheira, e da sua caneta uma metralhadora, para incomodar o poder e denunciar as injustiças sociais.

Sabidamente, Jaguar foi escalado para escrever o prefácio de SINÉ & CIA. Dentre outras observações percucientes sobre o panfletário humorista, esclarecia: "O que Siné trouxe de novo para o desenho de

humor? Eu diria que ele nada trouxe de novo, muito pelo contrário. Voltou, isto sim, às fontes, às origens do humor. Retomou a posição — e a responsabilidade — que o humorista deve assumir na Sociedade, que é a de crítico e não de fabricante de amenidades para leitores distraídos."

Como Jaguar, SINÉ nunca fez concessões ao poder ou se preocupou em ser um artista sofisticado em seus desenhos: "Faço meus desenhos como quem atira um coquetel molotov", declarou. No Rio, além do livro, ele fez uma exposição numa galeria ~~coquetel~~ e foi páreo duro para Jaguar no "arremesso de copo", no Bar Zeppelin, em Ipanema.

Leitor voraz, inteligente e articulado com as coisas do mundo, a primeira admiração literária de Jaguar foi Jack London. Mais tarde, sofisticaria suas leituras ao cubo, indo de Mallarmé a Rimbaud, de Proust a Choderlos de Laclos, de Drummond a Gertrude Stein, passando, na área do humor de texto refinado, pelos escritos de Swift, Jules Feiffer e



Bernard Shaw. No desenho, conheceu a arte de todos os mestres, deixando-se seduzir por "cobras" como Gustave Doré, Honoré Daumier, o romeno André François (que ele começou imitando), Siné, Osborn, William Hogarth, Steinberg, Ronald Searl, Angelo Agostini, J. Carlos, Nassara e todos os gênios da História da Arte, de Da Vinci a Picasso.

Jaguar, que é sinônimo de carutismo e boemia, tem a classe de um lorde inglês, mas, como bom carioca, às vezes se permite arranhar o protocolo (coisa raríssima), como quando enviou um poema quilométrico a Drummond, "para sua apreciação". E o Poeta, num gesto benevolente digno da Madre Tereza de Calcutá, respondeu-lhe que ele até que levava jeito. Pra vocês verem o que é "finesse"...

Outro lance hilário foi por ele protagonizado, recentemente, de frente à Academia Brasileira de Letras, para marcar seu protesto contra a posse de Roberto Campos na vaga de Dias Gomes, amigo do Jaguar. Para ficar nos "trinquês", Jaguar alugou, numa loja especializada, a farda que Tarcísio Meira usara para interpretar D. Pedro I, no filme "Independência ou Morte", lembram? A seguir, comprou uma dúzia de ovos no Bar Academia (que não tem qualquer parentesco com a dita cuja, diga-se) e partiu para sua bem humorada "performance".

Mas, como ele é Jaguar, mas não é leão, só pôde realizá-la, por prudência, atirando os ovos na calçada de frente à ABL, por cima do paredão humano formado por

guardas-municipais tamanho-família, assessorados por cães policiais e munidos de cassetetes "big-stick", bombas de efeito "imoral", patrulhinhas com luzinha giratória na boléia, enfim, essas bossas que nunca são vistas nas áreas violentas da cidade. Tudo requisitado por Arnaldo Niskier (Presidente da ABL), que sabia, de antemão, das intenções do humorista e até o desafiara, dias antes, duvidando que ele tivesse coragem para tanto.

Devidamente vingado, e envergando sua "farda" de D. Pedro I, réplica perfeita do modelito da Academia, mas sem o espadim oficial da ABL (para Jaguar, um símbolo fálico aposentado), nosso herói marcou assim o seu protesto, não sem antes ter passado no Vilarinho, onde tomou um "scotch" sob o olhar cúmplice de Vinicius de Moraes, que lá está homenageado com um retrato maroto na parede do Bar.

Festeiro, Jaguar sempre foi, desde tempos imemoriais. Mas criou fama e deitou na lama a partir da década de 60, quando juntou-se a Albino Pinheiro, realizando algumas das melhores festas da cidade, sobretudo os históricos Réveillons no Hotel Silvestre, em plena Floresta da Tijuca, onde pintavam as mulheres mais lindas do Rio.

Aliás, revendo uma carta de seu pai, recebida pelo autor destas linhas, no início de 1971, deparei-me com esta observação oportuna: "O Jaguar foi solto às 11 horas da noite deste 31 de dezembro [de 1970] e nem passou em casa: foi direto para a festa de Réveillon do Albino Pinheiro, no Silvestre".

Mesmo sem ser um "globe-trotter" como Ziraldo, Jaguar gosta de viajar e numa dessas saídas aterrissou em Buenos Aires, para lançar o livro "NADIE ES PERFECTO", uma seleção de seus desenhos publicados com "balões" no idioma de Jorge Luiz Borges.



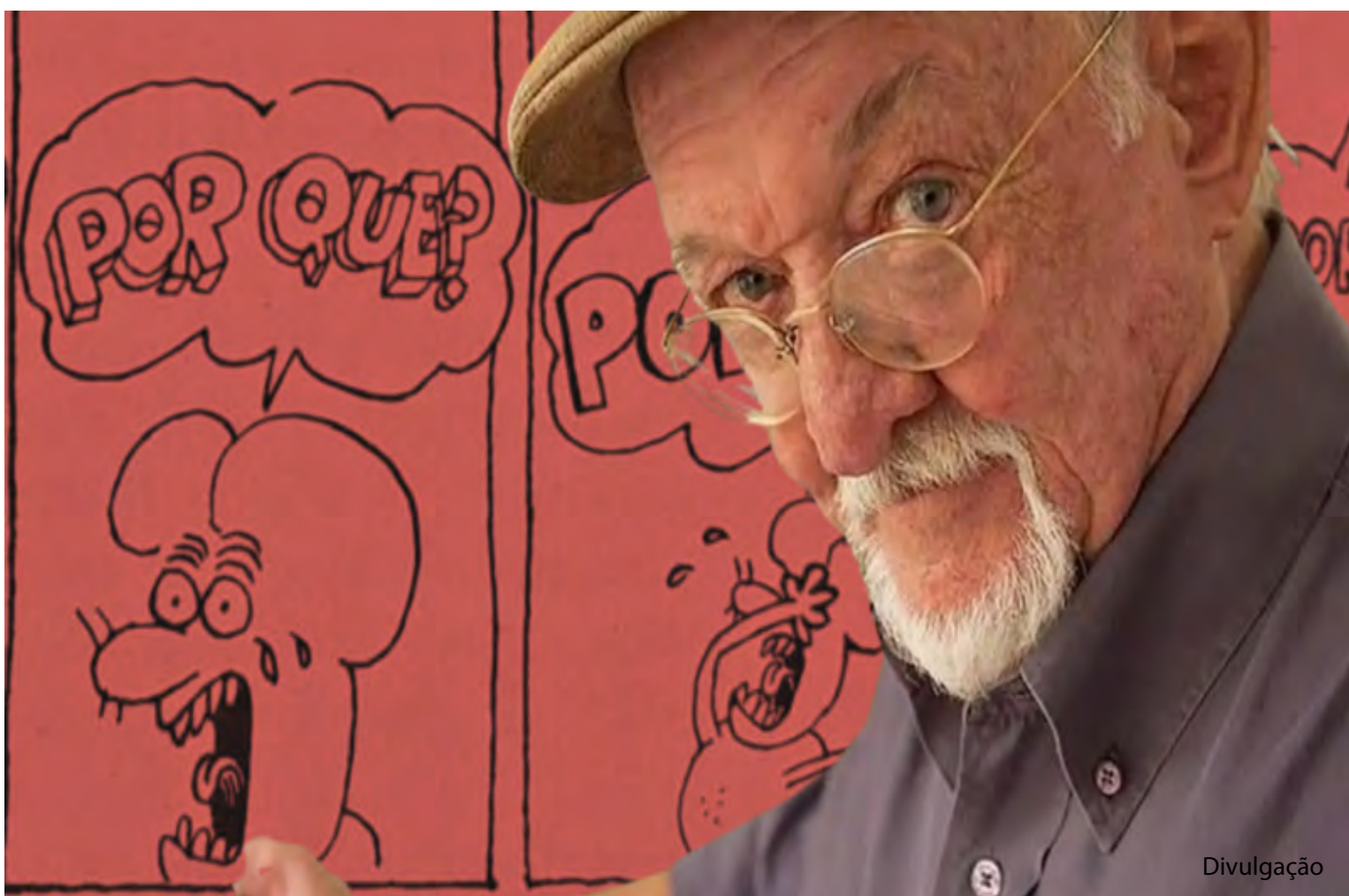
Também revirando seu "baú de ossos", como Pedro Nava, (aliás, de quem era parente, pelas suas raízes cearenses dos "Jaguaribe"), e em comemoração pelos dez anos do PASQUIM, ele cometeu, em 1979, o "ÁLBUM DO JAGUAR", uma avalanche de cartuns engraçadíssimos aos quais juntou deliciosas tiras dos seus personagens Chopnics, cuja estrela era o charmoso ratinho Sig.

Ainda nesse ano, também "desovou" outra seleção de seus cartuns com o eschachado (e apelativo) título "A VIDA SEXUAL DO JAGUAR". A capa e o título maliciosos eram uma falseta, pois o conteúdo dos desenhos nada tinha a ver com ele. Era apenas uma "armação" para gozar os incautos leitores, conforme denunciado no prefácio, dele mesmo. Aliás, para fazer essa revista, Jaguar teve que arrepiar a juba, por não encontrar os desenhos





Jaguar - Foto Nelson Bravo



Faria Lima



Nando
Neto
BRASIL
247



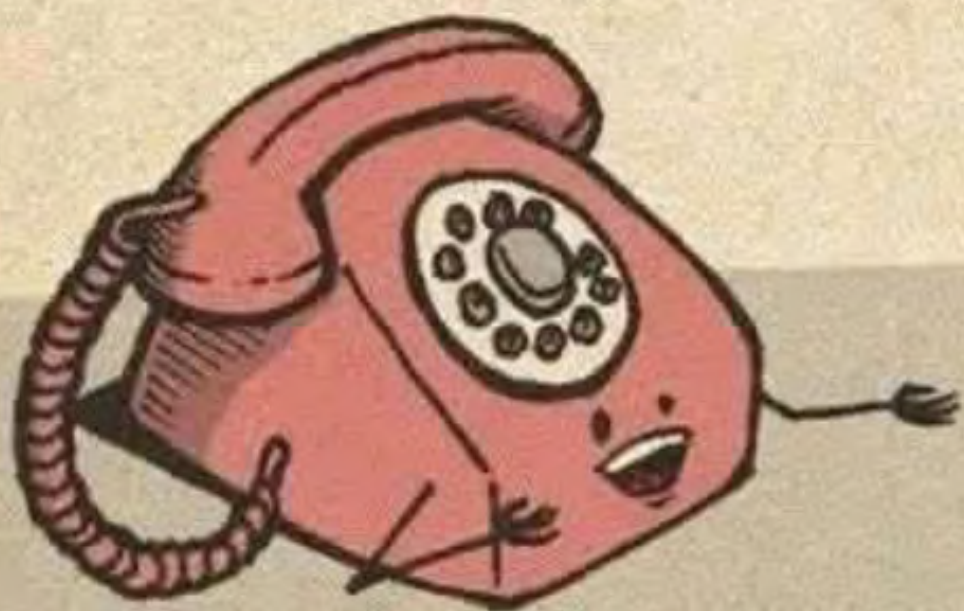


FICA TRANQUILO,
EU TE DEFENDO!



Scrooge
McDuck
247

I phone, you tube.



© 2000 THE NEW YORK TIMES

OLHA ESSAS CRIANÇAS VICIADAS EM TECNOLOGIA





A VIDA É CURTA.
LONGA É A PAIXÃO

Luís
Fernando
Veríssimo

★ 1936

† 2025



ABRIEL RENNER



D-ARTE

CADERNO DE
LITERATURA

#35



Poesia: quando o grito vira verso

OCORRÊNCIAS

Perdi-me nos detalhes da vida

Que bom...

Pois, foi aí que a tornei mais leve

Breves atitudes e pouco dolorosas

Quando a insegurança não açoitava as vontades

Quando a esperança é o “ainda hoje”...

Quando o sobreviver não é pagar a conta alheia

E, os trajetos podem ser retomados...

A onda que bate na areia fina

Leva e trás um novo ponto de partida

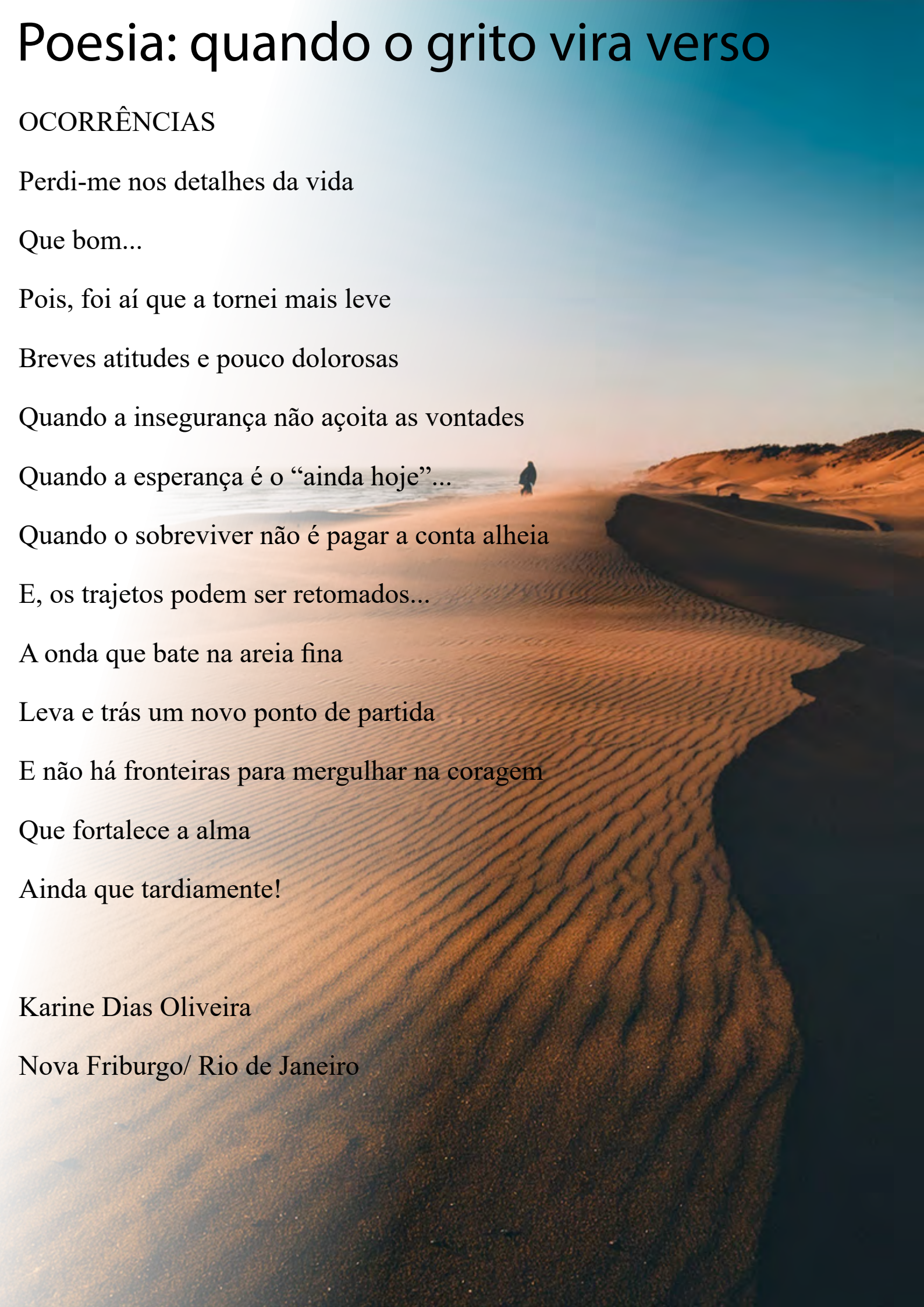
E não há fronteiras para mergulhar na coragem

Que fortalece a alma

Ainda que tardiamente!

Karine Dias Oliveira

Nova Friburgo/ Rio de Janeiro



O centro tá lá, continua no centro
Com seus pós e contra...
O centro

Com água de dois a seis
Com galerias
Cheias de pessoas ou muito vazias delas
Onde salta
Do funk ao punk
Do Converse ao coturno
E suas novidades
Que interessa à novas e velhas gerações

Ah, meu centro!
Com conversas fiadas ou afiadas
De tranças
À vinis
Onde vejo
O cara adventista e o do candomblé
Dando a mão para a mulher de saia verde fluorescente em meio aos gritos
do pastor que diz quê o mundo tá acabando

Entre doidos e quem se diz normal

Estão todos
Ali, observando o homem magro pulando no arco de fogo
E Deus, que as vezes, por ali passa, suspira e resmunga:
Meu Deus!

Arte de rua ou rua em meio a arte
O pedinte e o vendedor de ouro ali, na rua da quitanda remungam que o
trem tá feio

E eu, ali, fumando um cigarro no pé da galeria Prestes Maia agradeço por
estar mais uma vez,
No centro.

Poesias Wilson lirio
Nome: MUNDO VIVO MUNDO
13/08/2025
15:09 HRS



Hoje
Não irei pelo mesmo caminho
Entrarei por outra rua
Não sei onde vai dar

Procuro o quê?
Não sei...

Talvez terei a certeza
Não, nada é tão igual

Talvez
Todas a certezas são inexistentes
Todas as palavras foram e serão mau escritas
E as histórias, não contadas

Vejo velhas ruas
Árvores caídas
Carros parados e crianças de terno e gravata

As ruas estão escuras
As Praças sem árvores
E as pessoas, choram

Nada é igual
Nenhum dia é igual
Nem uma vida ou morte é igual

Viro para traz
Tento voltar
Não consigo
Não existe nem um caminho

Me tornei um perdido
Ouço sons
Falas
Músicas

Estou no palco
Onde os covardes não me veem

Uma nuvem escura me cobre como um véu
Então danço
Danço para os covardes
Eles não entendem, não ouvem o som

Só escuto os sussurros
Estão perdidos
Não controlam mais nada

A peça chega ao fim
E, no fim eles estão
Acabou o poder, não chegarão a lugar algum.

Então
Volto para o camarim
Tiro minha máscara e saio

Estou de volta
Não voltarei mais pelo mesmo caminho
Entro por outra rua, outra esquina
Não sei onde vai dar
Mas, não pretendo chegar em nenhum lugar

Olho no chão
Uma lâmpada queimada e sem vida alguma
Abaixo, pego ela ainda quente e sigo
Viro a esquina e vou
por outro caminho Apesar de tudo
Não chegarei a lugar algum.

Porquê nada é sempre igual.

Poesias Wilson lilio
Nome:QUANDO AS LÂMPADAS SE APAGAM
28-08-2025

Que vi
Ou deixei
Que olhei
Ou, não dei atenção

O chão
As esquinas
A mulher de blusa vermelha
Ou o casco
de minha alma
Atrevido
Ou inocente

Errante
Corro sem prumo
Como uma pluma
caio com a brisa
Tão fraco
vou e volto
Com a força do vento e talvez, contra o tempo

Os varais que não secam mais
É o vazio
É o vazio

Perco
O tempo
Acordo sedo
Lavo meus pés
Os mesmo que sujo entre
Lamas e o lodo escorregadio
Não me
incomodo mais com o silêncio
Hoje é ele que grita forte quando estou só

Quero e não estou em nada
Peço o que não quero
Espero o quê já vejo
Adormeço entre o esquecimento e a ansiedade
Porquê, sempre esqueço de algo importante que não vivi
E vivo a mercê das vidas que não viverei

Me sufoco
Me supero
Me interno

Os buracos no asfalto
As crianças que se agridem
Importuno motivo bélico

Armas, almas

Ontem a mulher estava de roupa roxa
Ela já estava roxa
E as crianças?

Brincavam de roda em volta da mulher morta
E eu...

Com a carriola tapava o buraco do asfalto com areia fina em baixo de uma forte chuva que caía.

Poesias: Wilson Iório
Nome: A MULHER DE ROXO
20/08/2025
09:12 hrs

Criam
Homens
Crianças
Criam

Máquinas
Culturas
Estruturas
Religiões
Trabalhos
Profissão

Criam
Movimentos
Artes
Guerras
Preconceitos
Respeitos
Desrespeitos

E, de novo
Jogos
Corridas
Vacinas
Ideologias
Alicerces
Novos

Desmontam
É o novo
É o velho
E voltam a criar
Recriar
Desmontar
Motivar

Políticas
Novos civis
Novos imbecis
Ideologias
Renomes
Pronomes

E de novo
A guerra
Para começar
De novo

A máquina
A ideia
A evolução
A construção
Nova crenças
Descrença
Desgraça
Sem graça

Nova!

Roupagem
Cópias
Xerox

Ideologias
Jogos covardes
Novos pobres
Novos ricos
Novas máquinas
Novas e evoluídas ideias

Volta
Revolta
Destrói

E...
Novas construções
Novo céu
Nova Terra
Novo planeta
Descoberta

Novo Ouro
Nova moeda
Em cima da terra ou embaixo dela

E de no vo
Guerra
Destrói
Criança
Homens
Velhos

Renascimento
Encarnação
Desculpe-me pela morte
A desculpa é a morte
Quem mandou você nascer?

Volta e meia
volta
E o trabalho
Reconstrói
Enobrece
Cresce

É o Rei
É a rainha
É a rainha
Holocausto
Põe o homem
A mulher
Tá no coliseu
Aplaudir nada
Mata logo esse idiota

Culturas
Ideias
Religião
Novo Deus
Nova droga
Prende
Solta
Volta a prender e...
Não aprende nada

Preconceito
Nova construção
Nova ciência
Nova esperança
E de novo
Vem a guerra

Evolução
Evolução?!
É, evolução.

Poesias Wilson Iório
Nome : Soberania dos idiotas
20/08/2025
14:16

Páginas em branco
Nas páginas brancas da vida,
Rabisco saudade e dor,
Dos filhos, dos meus amigos,
Da família e seu calor.
Mas sigo nessa jornada,
Com Deus, meu fiel Senhor.
Longe de casa e dos laços,
Que um dia me deram chão,
Trago no peito apertado
Uma doce oração.
É Deus quem me fortalece,
Nos tropeços do sertão.
A cada linha que escrevo
Nesse livro tão sem fim,
Penso: será que essa estrada
Vai valer tanto pra mim?
Mas escuto a voz divina:
"Filha, prossiga assim."
O sonho chama mais alto,
Mesmo com pranto no olhar,
E é preciso abrir as asas,
Mesmo tendo que chorar.

Pois quem planta com coragem,
Vai um dia se alegrar.
Na solidão, me pergunto:
"Vale a pena continuar?"

E a esperança, bem baixinho,
Vem no vento a sussurrar:
"Na presença do Altíssimo,
Nada vai se desperdiçar."
Sei que um dia essa distância
Há de se fazer menor,
E os abraços esquecidos
Vão bater no mesmo torpor.
Deus me guia, Deus me guarda,
Mesmo quando tudo for.
Então sigo, alma ferida,
Mas com fé no coração,
Escrevendo cada página
Com coragem e oração.
Pois mesmo longe dos meus,
Tenho em Deus a direção

Profª. Carmem Lucia Pereira Barros Cardoso Lopes, Mestranda em Letras, Literatura e Crítica Literária - PUC-Goiás, orientador: Prof. Dr. Rogerio Borges, bolsista CAPES/FAPEG, graduada em Letras – Espanhol e Respectivas Literaturas e Pedagogia. Atua como profª da Educação Especial no Estado do Amapá. Suas linhas de pesquisa incluem Literatura Regionalista, Crítica Literária e educação/Inclusão, é membro do grupo de pesquisa "Educação, História, Memória e Culturas em Diferentes Espaços Sociais" (EHMCES), vinculado ao HISTEDBR/CNPq/PROPE. Integra o projeto "Mulheres Coralinas: Inclusão Social, Gênero, Cultura e Memória na cidade de Goiás", que busca promover o diálogo entre literatura, identidade e representatividade. Sua missão é transformar práticas pedagógicas e sociais, com um foco especial em inclusão, oferecendo oportunidades de aprendizagem mais equitativas e significativas para todos, especialmente para pessoas com Necessidades Educacionais Especiais - NEES. Além disso, é apaixonada por Literatura Regionalista, Crítica Literária, Arte e Inclusão, áreas que norteiam sua trajetória acadêmica e profissional. Carmemluciacosta07@gmail.com vivencias_demestrandaee2023

Voo das letras

Por Cristian Canto

Ele queria voar. Não importava a dificuldade, não importava quão improvável fosse. Voar era mais que um sonho: era a própria ideia de viver, era beber o néctar da liberdade. Pouco lhe interessava quem o acompanharia ou quem o seguiria. Tampouco contava os capítulos de cada voo ou a doçura que ficaria na boca ao pousar. O que realmente importava era voar.

Ele era sempre o personagem principal das histórias que inventava para si mesmo. Histórias que invadiam sua alma e, em silêncio, escorriam em gotas de suor, às vezes em lágrimas discretas, tímidas, escondidas na manga da camisa.

Mas que voos eram esses que tanto o emocionavam? Ninguém perguntava, ninguém sabia. Eram voos que nunca aconteciam a sós. Havia sempre companheiros de viagem: estranhos no início, íntimos no fim. Tornavam-se amigos, quase família, memórias que se transformavam em saudade.

Voar pela leitura de um livro era a experiência mais doce. Não havia relógio que o alcançasse: o tempo se desfazia entre linhas e margens, e ele se perdia em mares de palavras, em desertos de silêncio, em céus bordados de metáforas. Ansioso, queria conhecer o desfecho, mas quando o fim chegava, uma melancolia o tomava. Era como pousar depois de um voo longo: os pés tocavam o chão, mas a alma permanecia suspensa.

E logo outro livro surgia, outra asa se abria, e um novo impulso o lançava ao desconhecido. Cada página era uma rajada de vento, cada parágrafo, uma curva inesperada, cada personagem, um farol aceso na escuridão.

Com o tempo, ele descobriu a verdade mais simples e mais bela: nenhum desses voos tem ciúmes, nenhum conhece preconceitos. No universo secreto das palavras, não há fronteiras nem bandeiras. As histórias se misturam como nuvens, dissolvem-se e renascem em formas novas, sempre prontas, sempre vivas.

E, assim, enquanto o mundo girava pesado ao redor, ele permanecia no ar — com a turbina ligada, a hélice girando e o coração entregue à promessa eterna das histórias: novas viagens, novos encontros, novos voos.

Fria Madrugada

No vazio do meu quarto
Sinto o frio da solidão,
Coração apaixonado,
Ferido o meu coração
Sofrendo em silêncio
Nesta fria madrugada.
Rolando em minha cama
Abraçado com meu travesseiro
Solidão em minha alma
Que machuca o peito inteiro
Que toda noite chama por você.
Amor, não me deixe na solidão,
Você e o remédio pro meu coração
A mulher que eu quero ao meu lado
Pois por você eu estou apaixonado,
Contando as horas, minutos, segundos
Para viver a todo tempo do seu lado.

Pseudônimo: Poeta Rafael Cruz

O segredo

Thais Castilho

Comprou o brinquedinho adulto e tão logo o recebeu, olhou a sua volta a procura de um esconderijo.

— Pronto! Pensou alto, enquanto se esticava toda, até colocá-lo nas alturas, bem no fundo do armário, longe do alcance de olhares curiosos.

Tão logo pudesse, o usaria em segredo. Voltou para sala e sentou-se no sofá com aquela cara de que estava fazendo algo proibido.

Seu momento não durou nem cinco minutos...
Pela porta, entrou a filha pequena trazendo o brinquedo desembrulhado.

— Mamãe, o que é isso?
Congelou por segundos eternos até voltar a si sem palavras.





Acorda, Brasil!
Rosangela Mariano
São Leopoldo – RS
Instagram: marihanaescritora

País das praias douradas,
Das noites enluaradas,
Onde o céu é tão azul
E brilha, lá no firmamento,
O esplendor do Cruzeiro do Sul!

Acorda das noites mal dormidas,

Insones,
Desperta para o alvorecer
Que as Profecias ditam ao longo dos anos:
“Brasil, coração do mundo!”
E nada, nem mesmo o egoísmo,
Cego de poucos,
Pode deter...

Egoísmo que sufoca nossa Nação!
Egoísmo que assassina nossos rios,
florestas, animais e plantas...
Egoísmo que sangra nossa alma
Ao ver a dor de nossos irmãos!
Acorda, Brasil!

Acorda, massa humana
Sufocada pelas lágrimas
Derramadas ao longo das caminhadas

De vários séculos...
O Ser que governa a vida
Espera que a alma deste grande País

Desperte e vibre,
Cobrimdo de luz e esperança
As maravilhas que poderá vir a ser
A geração do século XXI!

Acorda, País amado...
Idolatrado,
Berço de esperanças...

Brasil: nós contamos com teu povo
Brasil: nós acreditamos na tua raça
Brasil: nós esperamos pela tua graça
Brasil: nós rezamos por todas as tuas desgraças...

Brasil! Brasil!
Acorda urgentemente, pois:
- Crianças gemem
- Gritos sufocam a dor
- Mãos emagrecidas pedem pão

- Rostos pálidos deixam a impressão do abandono e da solidão...

Chora meu povo:

- Pelas fortunas que enriquecem a poucos
- Pelo dólar que rola solto no bolso dos larápios

- Pela comida derramada e esbanjada nas mesas da “pujança” e “comilança”
- Pelo “monstro” que abafa o grito dos meninos de rua, dizendo que eles são apenas mais “um” entre tantos de um País falido e desesperançado,

mas o lar dos filhos nossos!

Acorda, meu povo
É sonha de novo...
Tudo podemos vencer
O futuro de uma geração engrandecer

Basta acreditarmos
Que somos apenas um coração,
Batendo em união...
Por uma Pátria melhor!

A ligação

Na biblioteca do colégio, lendo meus contos preferidos, num instante de tempo de qualidade, o barulho do telefone atravessa o silêncio. A secretária, na mais perfeita calma, compenetrada em seu trabalho, faz uma ligação. Alguém do outro lado atende. Quem tá falando? É o pai do João Vitor? Ela aguarda a resposta do outro lado da linha, com expectativa de quem aguarda uma aprovação em concurso.

Talvez, se fosse outro alguém, estaria irritado e insatisfeito com a tarefa dada. Pra ela, no entanto, parecia o trabalho mais importante: ligar para os pais perguntando o motivo de tal estudante ter faltado à aula. A cada resposta, era uma intensa sensação de alegria, como a sensação de dever cumprido em sua total plenitude. daquelas, como diria Guimarães Rosa, que a gente só acha em raros momentos de distração. No caso dela, não havia distração. Era uma alegria perene. Era o seu ofício.

Em uma dessas ligações, na aula de retorno do feriado de Páscoa, a mãe de um estudante respondeu, à secretária, que o filho não tinha ido ao colégio naquele manhã porque tinha passado mal de tanto comer chocolate. Era época de Páscoa. Vejam que explicação mais inteligente. Diria que, dos tempos que estou no chão da escola, foi uma das justificativas mais originais que ouvi. Uma resposta não só inteligente, mas de uma perspicácia tão legítima quanto às peripécias de Macunaíma ou Dom Quixote.

Parri por um momento a leitura de Dostoiévski. Observei atentamente o semblante da secretária. Apesar do contentamento com sua prática diária, ela parecia intermitente com a fala da mãe do outro lado da linha. Apenas sorriu meio constrangida com o que tinha ouvido e desligou o telefone. O que foi dito ali, no finalzinho da ligação, a secretária não comentou, ninguém sabe até hoje o que foi falado naquela ocasião pela mãe do aluno. Os olhares da biblioteca, que estavam atentos à conversa, se espalhou, com perplexidade que a situação pedia. Um movimento de cabeças e olhares. Continuei minha leitura disfarçando o incômodo que se formou. Mas isso não seria impedimento para que a secretária continuasse o seu trabalho de contatar os responsáveis dos estudantes. Isso não seria impedimento para que a secretária continuasse o seu trabalho de maneira alegre e responsável. Parece que nada a atingia. A sua postura complacente às adversidades contribuía com o ambiente da biblioteca.

Nesse instante, a secretária me olhou sem muito entender do que havia escutado pela mãe do estudante. Disse-me que justificaria o ocorrido no caderno de anotações. Não entendi bem o porquê dela se referir a mim, mas tudo bem. É um típico comportamento humano para legitimar uma ação. Era um procedimento escolar. Também sabia disso. Contudo, era Páscoa. O lance do chocolate veio à tona na conversa entre a bibliotecária e a secretária. Uma delas disse que a filha ganhou da avó um ovo de chocolate com guloseimas recheadas. No meio do chocolate, tinham pedaços de castanhas e nozes. A outra, entusiasmada com as novidades que ainda não conhecia, mantendo atenção nos detalhes da conversa, logo emendou: eu ganhei um ovo trufado da minha mãe! Inevitavelmente, um papo delicioso surgiu naquela manhã de frio. Ainda bem, porque o clima pós ligação não era um dos melhores.

Ainda bem que as relações humanas tendem a desviar os problemas. Ainda bem que as pessoas, razoavelmente, veem o lado cheio do copo. Percebi, nesse tempo, que a resposta dada pela mãe foi um gatilho para boas conversas. Um tempo de qualidade no trabalho, tão difícil de acontecer.

1º CONCURSO RÁDIO NOVELAS

RESULTADO

ALLEF SOUZA

ANDRÉ LOPES

CRISTIAN CANTO

DIAS CAMPOS

ÉRICA FURLAN MARTINS

EVANDRO VALENTIM

AVALIE NOSSO PROJETO



dartelondrina@gmail.com

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



"PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ, COM RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL."



Roteiro para Rádio – “Gil Vicente, corre aqui...”

Autor: Allef Souza

Gênero: Comédia / Sátira

Duração estimada: 8–10 minutos

Locução sonora: Trilha leve de tensão cômica no fundo.

Efeitos sonoros (SFX): Floresta noturna, passos em folhas secas, som de tocha, som abafado de grito, fumaça explodindo, celular discando etc.

Personagens:

ENCAPUZADO 1: Mais fanático, impaciente.

ENCAPUZADO 2: Reflexivo, mais questionador.

VÍTIMA: Apenas ruídos e gemidos (amordaçado).

DIABO / LU: Carismático, espontâneo, voz grave com leve sotaque carioca.

[CENA ÚNICA – FLORESTA À NOITE]

TRILHA: Sons de floresta densa à noite, grilos ao fundo, folhas secas sendo pisadas.

SFX: Chamas estalando de tochas.

ENCAPUZADO 1 (solene, teatral):

Ó, senhor! Lorde das trevas! Aceita essa sua oferenda, em teu nome, de teus meros serviçais!

SFX: Som metálico de punhal erguido.

SFX: Grito abafado da vítima amordaçada.

ENCAPUZADO 2 (interrompendo, casual):

Tisc! Espera aí um pouquinho...

ENCAPUZADO 1 (sem paciência):

Mas o que foi agora?

ENCAPUZADO 2 (sério, pensativo):

Por que a gente tá fazendo isso?

ENCAPUZADO 1 (impaciente):

A gente tá no meio de um ritual aqui, dá pra ser?

ENCAPUZADO 2:

Não, mas... por quê?

ENCAPUZADO 1 (irritado):

Por que o quê, cara? Dá pra manter o script?!

ENCAPUZADO 2 (firme):

Não, peraí... Que pressa é essa também, oxe!

ENCAPUZADO 1: (irritado)

Pô, tá atrapalhando o andamento do processo aqui!

ENCAPUZADO 2:

Não faz sentido isso aqui não, brother. Olha o cidadão, chegou a se mijar todo, coitado...

SFX: Vítima gemendo e balançando a cabeça.

ENCAPUZADO 2:
Tá vendo? Ele não tá de acordo.

ENCAPUZADO 1 (cínico):
Ah, mas aí também é foda... não dá pra agradar todo mundo.

ENCAPUZADO 2:
Ele te pediu isso?

ENCAPUZADO 1:
Ele quem, meu Deus?

ENCAPUZADO 2 (corrigindo):
Deus não. O capeta.

SFX: Crepitar que começa baixo e que vai aumentando e acelerando.

LU (entra animado):
Me chamaram?

SFX: Passos rápidos para trás. Vítima se arrastando.

ENCAPUZADO 1 (em êxtase):
Lorde das trevas! Que honra ter o senhor aqui, em nosso humilde ritual!

ENCAPUZADO 2 (gritando):
PUTA QUE PARIU!

LU (repreendendo, indignado):
Uou! Que que é isso, bicho?! Porra, faz isso não! Tá maluco?

ENCAPUZADO 1 (desconcertado):
Mas eu achei que o senhor gostasse... Era um agradinho...

ENCAPUZADO 2 (acrescentando):
Eu falei pra ele, eu juro que tentei...

LU (irritado):
Ó, primeiro: para com essa palhaçada de “lorde”, “senhor das trevas”. Me chamem de Lu, só Lu.
Segundo: quando que eu falei que queria isso aí? Isso dá um B.O. do caralho.

SFX: Som de tecido se rasgando, o diabo solta a vítima.
[PAUSA BREVE – silêncio desconcertado]

ENCAPUZADO 1 (abatido):
E agora que eu sei que o senhor não gosta? O que que eu vou fazer?
Não tem ninguém pra me indicar? Sei lá... Poseidon? Buda, de repente?

LU (respondendo com naturalidade):
Ó... Poseidon já perdeu prestígio. Ele é mais chegado no pessoal do projeto Tamar. Fãzasso do Medina.
Buda? Jamais. O cara vê sangue, desmaia.

ENCAPUZADO 1: (triste)
Entendi...

ENCAPUZADO 2 (confuso):
Peraí... mas tu não disse que fazia isso aí porque era servo dele? (aponta Lu)

LU (confuso):
É, tu não dizia que era pra mim?

ENCAPUZADO 1 (voz baixa, meio culpado):
Então... das primeiras vezes até que foi. Mas agora... eu tomei gosto por isso.

ENCAPUZADO 2 e Lu (ambos meio sem jeito, preocupados):

Tá... Entendi.

LU:

É, aí é foda! Mas olha só: fazer no nome de Deus pode ser uma boa. Já fazem isso aí faz um tempo... E até onde eu sei, o Cara lá em cima não vai voltar não.

ENCAPUZADOS (em uníssono, surpresos):

Ah, não?

LU (como quem vai contar um segredo, cochichando):

Não!

Última vez que vi ele, tava meio chateado, meio arrependido. Sumiu! Tá numa outra galáxia, tocando um projeto novo mais minimalista, saca? Tá numa vibe Playmobil: boneco tudo lisinho, sem sexo, sem gênero. Falou que quer evitar sexismo.

ENCAPUZADO 1: (duvidoso)

Mas então não vai voltar mesmo?

LU: (voz mais firme)

Vai nada. Eu até pedi pra ele cobrir minhas férias. Falei: “o olho do dono engorda os bois”... Mas o cara é inacessível!

[CENA DE VIOLÊNCIA]

SFX: Estocada. ENCAPUZADO 1 apunhala o outro.

ENCAPUZADO 2 (grunhido de dor):

Aaah...

LU (chocado, gritando):

PORRA! Faz isso não, bicho! Ó, baixou até minha pressão agora... Cagou sua roupa toda de sangue! Isso aí dá merda fácil!

ENCAPUZADO 1 (com voz de satisfação):

Eu gosto... Fazer o quê?

LU (tentando entender):

Tu tem esposa? Tem filho?

ENCAPUZADO 1 (balançando a cabeça):

Não tenho...

LU (suspira):

Claro que não, né? Se tivesse, pensava mais antes de fazer essas cagada. Cai numa cadeia qualquer aí, quarenta maluco numa cela de seis por seis...

ENCAPUZADO 1 (responde confiante):

Eu mato.

LU:

Cê acha que só tem você de doido no mundo, irmão? Tem uns aí que pra dar cabo de você é dois tapas. E outra: sujeito bonito assim? Vai virar mascote rapidinho...

SFX: Silêncio reflexivo.

LU (agora paternal):

Olha, papo de brother mesmo. Vai fazer suas parada. Vai conhecer gente. Já viu “Que horas ela volta?”

ENCAPUZADO 1:

Não...

LU:

Filmaço. Regina Cazé gigantesca. Vai ver um pôr do sol, vai à praia... Pelo tom da tua pele, nunca foi.

ENCAPUZADO 1 (voz baixa):

Nunca fui não, senhor...

LU (brando):

Sabia! Bronze de sola de chinelo. Vai descobrir o que te faz feliz, cara! Se quiser, te descolo uns livro do Paulo Coelho e tals...

ENCAPUZADO 1 (com a voz embargada):

Posso te dar um abraço?

LU:
Pode, vem cá...

SFX: Abraço forte. Tapinhas nas costas.

ENCAPUZADO 1 (saindo):
Obrigado, Lu...

LU:
Vai com Deus, meu filho!

[FECHAMENTO – reflexão do Diabo]
SFX: Passos se afastando, som do mato voltando.

LU (olha pro cadáver):
Rapaziada é foda, né? Às vezes só precisa trocar uma ideia... Agora você... (pausa) Tu tá fodido. Vou tentar bater um fio pro chefe, ver se ele desenrola alguma coisa... Vai que numa dessa tu volta de Lázaro.

SFX: Celular discando.

VOZ AUTOMÁTICA:
“O número que você digitou encontra-se indisponível ou fora da área de serviço.”

LU (desligando):
Não te falei? Cara abandonou mesmo! Vai ver que é por isso que chamam de pai. Depois a culpa ainda cai em mim...
TRILHA: Fade out.

Ilustração - Caio Souza





A fragilidade da beleza

Já havia virado rotina. Bastava sentir o cair da noite que saía correndo para seu quarto. Não importava o que estivesse fazendo. Parava tudo.

Era regra.

Tudo mesmo.

Para se colocar diante da televisão. Metodicamente. Em uma ação quase religiosa.

Tinha muitas manias. Por hábito, inventava costumes. E de uns tempos para cá, deu de banhar-se antes. Volte e meia corria pelos corredores da casa com a toalha enrolada ao corpo em sua nudez quase revelada. Com o que estivesse vestida jogava-se à cama. Era comum vê-la deitada como criança, em meio aos travesseiros espalhados, com o queixo apoiado nas mãos acotoveladas na cama, seu olhar vidrado e as pernas balançando de ansiedade.

Uma cena que se construiu como rotineira. Sempre com o corpo fresco e úmido. Recém banhado. Os cabelos pesados, ainda por secar, tornavam transparente seu conjunto de dormir. Não importava. Adorava os episódios. E pelo alarido. Gostava demais. Pois ria.

Ria muito durante o programa.

Ao rir, o corpo inteiro se despertava. Vibrava. Havia momentos que convidava os presentes a deleitarem juntos. Mas, preferia assistir sozinha. Era um prazer solitário. O programa entrava à noite. Percebia-se a ausência do dia pela luz fraca que a certa altura vinha da rua, entrava pela janela e se desenhava pela parede em tons amarelos, quase pasteis.

A luminosidade intensificava sua doçura feminina.

Acentuava em contraste as curvas de seu belo corpo. Sabia que era bela. Cada centímetro de seu corpo era desejável. Sabia tanto que ria. Ria dos episódios que religiosamente assistia. Ria como criança. Por vezes escutávamos algo além dos risos. Mudava o tom. Parecia irritada. Xingava. Praguejava.

Não eram palavras soltas. Havia raiva. Ódio em cada sílaba pronunciada. Em uma dessas noites não aguentou. Gritou. Encolerizou-se de tamanha afronta.

Sim. Afronta.

Sentia-se profundamente ofendida. Havia nessa fúria um sujeito. Aliás, um corpo.

Era um sujeito negro. Corpulento. Figura assustadoramente grande, de voz doce e triste. Falava mansamente sobre seu sofrimento.

A cada frase, um grito.

Estava sentada. Tensa. Transfigurada. Uma figura negra. Grande. Cheia de dobras e histórias.

Xingava.

Ria.

Provocava. Mas, ele insistentemente, continuava a sua história. Era mais uma história, de tantas outras.

Era mais um personagem de seu reality shows. E era isso que assistia? Um reality show! De pessoas obesas. Perdidas em seus corpos e sofrimentos.

Isso lhe dava prazer ao mesmo tempo que lhe insultava. Todos os corpos que se exibiam nessas longas noites de audiência lhe diziam estar certa. Pois estava sempre certa.

Era uma vitrine de horrores. Cada episódio lhe expunha aquilo que odiava. Odiava pessoas gordas. E com isso, não perdia um único programa. Mas aquele. Aquela fisionomia familiar.

Não aguentou. Foi a gota d'água.

Ao ver aquele homem gigante se apresentado. Esbravejou.

Mas a televisão não é interativa. Para seu desespero, ele era apresentado como um lutador, e como crueldade para seus olhos, tudo ocorria em slow motion. Sua vida estava exposta em segundos. Peso, idade, estado civil e tudo que pudesse mantê-lo como atrativo do programa. Sentou-se à cabeceira da cama. Estava profundamente incomodada.

Não resistiu.

Soltou um sonoro “que nojo”. E tudo, de forma espontânea. Foram alguns segundos de silêncio.

Levantou-se e pegou seu hidratante corporal. Deitou-se novamente.

Apoiou o queixo sobre as mãos. Como se nada tivesse acontecido. Voltou-se para a televisão. O olhou, analisou a rotina do personagem, e riu. Bestialmente. Riu. O som era quase gutural.

Ria de cada gesto.

Das dificuldades.

Ria e condenava.

E essa cena se repetia ao longo de todo o episódio. E se repetia, diariamente. Sempre. No mesmo horário. Extasiada. Despiu-se sobre a cama. Ao término de cada episódio. Ficava nua. E neste, não foi diferente.

Ritualisticamente banhava-se em hidratante. E repetia para si mesma, “graças a Deus não sou assim”. Seu olhar mudava. Parecia excitada. A cada toque em seu próprio corpo, sentia a pele arrepiar. Seus mamilos enrijeciam, e espirava. Como em gozo.

Espirava.



A procura da razão

- Olá, você é nova na cidade?
- Sim, cheguei agora, não deu tempo de passar na delegacia.
- OK! Ele matou todos?
- Parece que sim.
- Quantas pessoas eram?
- Mais de dez.
- Foram quantos tiros?
- Bem, isso não temos ideia.
- Facadas também?
- Sim, muito sangue.
- Se matou depois?
- É a principal dúvida, mas vamos esperar a perícia. Era um homem frio, nunca pensei que tiraria a própria vida.
- Quantas pessoas ele já havia matado?
- Muitas, ele foi o principal Serial Killer da década.
- Então muitas pessoas gostariam de matá-lo?
- Provavelmente.
- E quantos anos ele estava preso?
- Na última vez que o pegaram, ficou três, mas foi preso e fugiu algumas vezes.
- E a condenação era de quantos anos?
- Mais de duzentos.
- E dessa vez ele havia fugido?
- Não, saiu com uma liminar expedida pelo juiz. Teve bom comportamento e saiu para o dia das mães.
- Foi passar com a mãe?
- Sim, e no final da noite, após ter bebido, deu quarenta e cinco facadas nela e veio terminar a noite aqui.
- Então esse cidadão era assassino conhecido, todos sabiam do perigo que ele oferecia a sociedade, mas mesmo assim estava solto e com o conhecimento da justiça?
- Infelizmente é isso mesmo, mas agora ele está morto, não fará mais nada.
- Eu fico pensando nas famílias que ele destruiu.
- Foram muitas!
- Você sabia que ele matou minha filha?
- Como assim? Quem é o senhor?
- Sou um pai destruído, um pai de filha única.
- Meu Deus! Acreditei que o senhor era o delegado, por isso estava lhe dando essas informações.
- Não, só fiz as perguntas para ter certeza do que fiz.
- O que o senhor fez?
- Justiça! O que muitas pessoas de bem pensam em fazer, mas não tem coragem.
- Você o matou?
- Você já viu um morto matar outro?
- Como assim?
- Desde o dia que ele matou minha filha eu estou morto. Então pode um morto matar outro?
- Mas mesmo assim está errado, o senhor não deveria ter feito isso.
- Preciso ir agora.
- Não posso deixar o senhor ir.
- Tchau! Foi um prazer agente Marina.
- Como o senhor sabe meu nome?
- Li no seu crachá, nome lindo, o mesmo da minha filha.



DE ANELO A TORMENTO.

Como é maravilhoso quando conseguimos aquilo que almejávamos.

O fato de satisfazermos os nossos desejos, porém, não significa, necessariamente, que venhamos a desfrutar das alegrias que imaginávamos. Neste sentido, não são poucas as vezes que essas conquistas acabam produzindo verdadeiros suplícios!

Assim aconteceria com Camila, aluna do ensino médio, apaixonada pela vida marinha, e que, depois de muito insistir aos pais, ganhou de presente o cobiçado aquário de aniversário. Por recomendação da loja especializada, o mimo, de 200 litros, seria inaugurado com quatro peixes apenas, pois isso ajudaria a manter baixo os níveis de contaminantes. E com o passar do tempo, ganhando-se experiência, o número de exemplares poderia ser aumentado.

A escolha dos primeiros inquilinos, um de cada espécie e coloridíssimos, foi feita a dedo pela adolescente, que não dispensou um peixe-palhaço – o carismático Nemo, imortalizado pela Disney – e uma grande anêmona que lhe serviria de abrigo.

Camila passava horas deleitando-se com seus pets. E tantas, que seus pais por vezes tinham que lembrá-la de almoçar, de estudar, e de passear com as amigas.

Certo sábado, à tarde, quando a garota dividia-se entre o aquário e o clipe da sua banda preferida, notou que o peixe-palhaço – batizado Paulinho, em homenagem ao seu crush – começou a se portar de maneira estranha àquela que o identifica. Em outras palavras, ao invés de ficar indo e vindo por entre os tentáculos da anêmona, ele partia em direção a um dos peixes, mordia-os algumas vezes, e voltava para a segurança de sua protetora.

Até aí, Camila riu-se da sua ousadia.

Esse comportamento, que parecia alegrar muito a Paulinho, por óbvio não agradava a nenhum dos outros peixes. Por isso, um e outro dos agredidos – que lhe eram maiores – passaram a reagir com mais veemência, repelindo o abusado tão logo eram incomodados.

Só que o peixe-palhaço não se intimidava; pelo contrário, passou a intensificar os seus ataques, o que aumentava a fúria de suas vítimas e as levava a reações cada vez mais enérgicas.

A estudante estava fascinada. Não se lembrava de ter lido ou assistido a nada que fosse parecido. Era evidente, portanto, que Paulinho destoava, que suas ações extrapolavam às catalogadas pelos biólogos marinhos. Por isso, tratou de escrever em um caderninho os fatos de que se lembrava, e ficou ainda mais atenta aos que viessem a ocorrer.

E não tardaria a anotar um novo evento...

À noite, depois de jantarem, enquanto a estudante, escarrapachada no sofá, agarrava-se ao celular, e seus pais, sentados defronte à TV, entretinham-se com um clássico, o preferido saiu do seu reduto, nadou em direção a um dos peixes, e passou a atazaná-lo de todas as formas possíveis. E como foram muitas as investidas, o rebuliço chamou a atenção de Camila.

De repente, o infernizado, certamente porque não mais aguentasse tamanhos incômodos, partiu em perseguição do peixe-palhaço. E nadavam a toda velocidade, ziguezagando por entre os corais, as plantas e os adornos submersos; sempre aquele no encalço deste.

A jovem levantou-se, aproximou-se do aquário, e passou a observar a cena.

O ódio do atormentado estava longe de acabar. Sendo assim, ou ele alcançaria o provocador, e o estraçalharia, ou abandonaria a caçada, extenuado.

Mas não foi isso o que aconteceu. Em dado momento, quando o importunado estava prestes a agarrar a cauda do agressor, Paulinho, de inopino, precipitou-se sobre a anêmona e desapareceu por entre os seus tentáculos, fazendo com que o perseguidor contra eles se chocasse, sendo, com isso, imediatamente paralisado pela ação das células urticantes.

Camila soltou um grito!

Mas não havia o que fazer.

E o envenenado serviu de almoço.

Os pais da adolescente esforçaram-se por consolá-la. E para que esse infortúnio fosse superado, garantiram que comprariam outro peixe no dia seguinte, se ela quisesse.

Camila não respondeu. E preferiu refugiar-se em seu quarto pelo tempo necessário à conclusão daquele triste banquete. – Só que depois de muito soluçar, acabou adormecendo.

No dia seguinte, nada denunciava o repasto que se verificou durante a noite, pois até as barbatanas do infeliz tinham sido digeridas.

De outra parte, os peixes conviviam em perfeita harmonia, mordiscando aqui e ali à procura de alimento.

Essa tranquilidade só foi quebrada quando a garota resolveu alimentá-los com um punhado de ração. E os esfomeados trataram de abocanhar o máximo que puderam.

Terminada a comilança, contudo, o peixe-palhaço voltou a aborrecer um novo escolhido.

Camila desesperou-se. E passou a gritar e a bater com a mão na parede do aquário, tudo para que Paulinho parasse.

Só que isso pouco adiantava. Daí que o azucrinado acabou reagindo da mesma forma que o seu antecessor, o que permitiu ao atizador iguais malabarismos, e proporcionou à mortífera anêmona mais uma refeição.

Diante dessa repetição, o coração da estudante pulsava menos tristeza do que raiva. E ela teve vontade de pedir ao pai para que arrancasse a assassina, a jogasse na privada, e apertasse a descarga!

No entanto, Camila bem sabia quem era o verdadeiro culpado...

Mas será que a jovem teria coragem de desfazer-se daquele a quem carinhosamente apelidara de Paulinho? Não seria como se estivesse agourando as suas próprias pretensões amorosas?

E se Camila simplesmente doasse o outro peixe? Mas não praticaria a mesma injustiça que pensou impor à anêmona-do-mar?

Ela precisava tomar uma decisão, e rápido, pois, ao que tudo indicava, o próximo da lista não teria melhor sorte.

Só que a escolha não vinha, o que só fazia agravar os tormentos em seu coração.

O destino, contudo, acabaria apresentando uma solução, que Camila acataria sem nenhum remorso, assim que desligasse o celular – Sua melhor amiga avisava que acabara de ver Paulinho beijando uma piriguete na fila do cinema.



ÉRICA FURLAN MARTINS

O Encontro

Por Érica Furlan Martins

Os belos olhos azuis de Clara estavam tão inchados e doloridos que ao sair do engradado acinzentado e turbulento, a luz solar lhe ofuscou a visão. Atravessou a rua, tão confusa quanto as suas emoções. Entrou em uma cafeteria e pediu um café. O forte aroma lhe invadiu os sentidos. Aconchegou-se à música suave e ao calor do pão de queijo e das luzes que acaloravam o ambiente rústico, com ar de sofisticação.

Mergulhou na xícara de café e simultaneamente em suas tristes lembranças.

Os músculos ainda tremiam involuntariamente ao recordar-se dos acontecimentos que tanto marcaram o palco de sua vida.

- Tudo aquilo terminara realmente? perguntava a si mesma.

Seis meses antes

Era verão. A noite estava calma e agradável. Clara estava radiante em seu baile de formatura.

Ele a abordou de maneira galanteadora, inteligente e gentil, convidando-a para dançar. Boa aparência, vestimenta impecável. Exalava um perfume amadeirado e másculo que inebriou seus sentidos.

Dançaram a noite toda e combinaram de se encontrar na semana seguinte.

Conversaram sobre os mais variados assuntos, riram muito e quando ele a envolveu em seus braços, ela sentiu-se absolutamente extasiada.

A paixão fora rápida e avassaladora. Após três meses resolveram dividir o mesmo teto.

No aniversário de Gustavo, Clara preparou-lhe um jantar especial. Passou dias planejando o menu, a decoração, escolhendo o vinho mais apropriado e a roupa

adequada. Saiu mais cedo do trabalho para organizar os preparativos. As horas passaram rapidamente e nem sinal de Gustavo. O tic tac do relógio soava como um instrumento de tortura, lhe aguçando a imaginação. Muito

tempo passou. Ligou novamente. E de novo, mais uma vez, perdeu a conta. Adormeceu. Acordou com o forte cheiro de álcool.

- Gustavo, por que não atendeu as minhas ligações?
- Não te devo satisfações!
- Eu te liguei a tarde toda e o celular estava desligado. Deixei inúmeros recados. Fiquei preocupada!
- Onde você estava? A voz de Clara saía entrecortada pelo choro.

Gustavo se aproximou e a empurrou com violência. Clara desequilibrou-se e caiu, batendo as costas contra o armário.

- É uma fase. Vai passar, pensava ela, atordoada com a queda.

Mas o que passava, era somente o tempo. As dores só aumentavam e os caminhos divergiam.

Gustavo chegava cada dia mais tarde e a maioria das vezes alcoolizado. Seu celular estava sempre desligado. Clara em prantos, implorava-lhe consideração, respeito, amor e compaixão, porém sempre em vão. Decidira várias vezes dialogar com Gustavo. O resultado era sempre um cansativo e frustrante monólogo.

Trancou-se em seu mundo, repleto de altos e baixos, amor e ódio, desculpas e promessas em um labirinto sem fim. Tinha vergonha de suas marcas. Já não sabia mais quem era. Era um vazio partido ao meio, uma incógnita em sua própria alma, inexpressiva, dormente. Um ser masoquista e paranoico. O telefone tocou. Era sua mãe convidando-os para um almoço em família no próximo fim de semana. Clara rapidamente inventou uma desculpa, afinal em apenas dois dias, os hematomas não sumiriam. Já estava acostumada a dar desculpas para amigos e parentes.

A vida de Clara prosseguiu nos próximos meses cercada de acontecimentos semelhantes. Amor e ódio, muitas desculpas, um redemoinho sem fim. Abandonou seu trabalho, afastou-se dos amigos e da família e passava o tempo todo em casa sozinha.

Tinha vergonha das marcas em sua pele, e da maneira como conduzia sua própria vida. Isolou-se cada vez mais do mundo. Já não sabia mais quem era. Dentro dela havia dois lados muito diferentes que se separavam por uma linha muito tênue. Uma mulher sensível e inteligente que ansiava por aconchego e proteção e a sua parte obscura, inexpressiva e incógnita, em sua própria alma. Durante um certo tempo, Clara viveu seu drama pessoal com perguntas sem respostas, pensamentos suicidas e destrutivos e uma depressão contínua. Sabia que precisava de ajuda, mas lhe faltava coragem.

E tentou. Como tentou. Chorou, implorou, pediu, ajoelhou e rezou. A resposta então chegou.

Desta vez houve fraturas, a quebra de dois dentes, chumaços de cabelos arrancados e muitos hematomas pelo corpo incluindo os do rosto, agora deformado e muito inchado. Clara desmaiou por tempo indeterminado. Quando acordou e olhou-se no espelho, parou aterrorizada ante o estrago. Reuniu o restante das forças e arrastou-se até o telefone. Ligou para a emergência e pediu ajuda. O resgate não demorou a chegar e Clara foi imediatamente socorrida e levada ao hospital. Submeteram-na a vários exames. Ela ficou internada por um bom tempo para se recuperar das fraturas e lesões. Clara foi questionada, interrogada e pressionada por médicos e policiais. Foi assistida por uma equipe multidisciplinar e orientada quanto às providências que deveriam ser tomadas. Havia muita coisa para pensar, para decidir. Precisava de ajuda. Não podia mais conter a explosão iminente em si mesma. Ela quase morrera. Era um milagre estar viva. A dignidade era o mínimo que podia exigir de si mesma. Dizer a verdade não doeu tanto quanto imaginava. Pelo contrário, trouxe-lhe um alívio e uma força até então desconhecidos. Um resgate ao amor-próprio e à íntima alma calada e sofredora.

Estava disposta a fazer o que fosse necessário e seguir em frente. Sentia pena de Gustavo, mas sabia que esse não era o melhor sentimento. Não podia ajudá-lo. Precisava primeiro, ajudar a si mesma.

Ao término do depoimento, deixou a Delegacia e dirigiu-se ao café. Sabia que havia muito trabalho pela frente. Faria terapia, voltaria a trabalhar, retomaria suas atividades e recuperaria suas amizades. E é claro, esperava conhecer

pessoas e fazer novos amigos. Ela que sempre fora cheio de vida, queria se

autodescobrir. Ela tinha agora um novo e importantíssimo encontro e estava se preparando inteiramente para ele. Era o encontro mais importante de sua vida. Ansiava por ele com uma alegria indescritível, com jovialidade e energia renovadoras, resgatadas do eu ferido. Estava tão animada com a ideia, que sensações diversas e maravilhosas lhe sobrevinham. Sentia-se forte, confiante e reluzente. E cheia de expectativas aguardava o maravilhoso encontro entre ela e sua mais recente companhia.
Um encontro consigo mesma.



EVANDRO VALENTIM

Rios, Amazonas e de Janeiro Evandro Valentim de Melo



a esse significativo reconhecimento provocou mais alegria ainda aos foliões e esforços entusiasmados dos trabalhadores e em torno da festividade.

A nova missão consistia em tornar o espetáculo ainda mais mirabolante. Escolas de samba, batalhões e blocos, enfim, todas as agremiações esmeraram-se a fim de enaltecer a sonoridade, as luzes, a magnitude de uma das mais importantes demonstrações da multivariada identidade cultural brasileira.

Surgiram convites de diversas nações para desfiles carnavalescos em seus territórios. Pará, Pernambuco, Amazonas, Bahia, Rio de Janeiro, Maranhão e São Paulo revezaram-se nessa jornada, transmitindo a grandiosidade e a paixão dos brasileiros em agradecimento a cada homenagem recebida dos povos visitados. Desde pessoas humildes até outras mais abastadas, tudo junto e misturado, como é no ‘país continental’ da América do Sul, trajavam duas vestimentas, a primeira, de tecido invisível, era a imensa alegria, como se recebessem fagulhas divino-profanas em suas peles. Sobre essa primeira camada, as mais belas fantasias ricamente adornadas. Pelas avenidas, onde quer que desfilassem, os foliões esqueciam-se de suas vidas privadas, concentrando-se, exclusivamente, no momento mágico da apresentação. Invariavelmente, o público aplaudia de pé e por longos minutos ao final.

Naquele ano de “carnavais da gratidão”, em especial no Rio de Janeiro, telespectadores distantes e público presente ao Sambódromo da Marquês de Sapucaí foram ‘enfeitiçados’ pela performance da Estação Primeira de Mangueira, cuja inspiração, o folclore do norte do Brasil, esteve retratado em todo o seu desfile.

Fantasia, carros alegóricos, bateria e, claro, o samba-enredo da Escola revisitaram e reapresentaram personagens como, Ahó Ahó, Boi Bumbá, Matinta Pereira, Boiúna, Saci-Pererê, Curupira, Uirapuru e Boto. A poesia cantada narrou lendas, medos, respeito, ora em trovas, ora em cantigas de roda, sempre enriquecidas pela incrível bateria da Mangueira. Durante setenta minutos, atores, atrizes, celebridades e centenas de milhares de gentes desconhecidas empoderaram-se e deram o melhor de si. Dentre os famosos em exibição nos carros alegóricos, aquele destinado à gigantesca serpente contou com a ilustre presença de Lia Lovely, drag queen e principal atração da boate Good Vibes, na periferia da Cidade Maravilhosa. Há anos, graças ao molejo, versatilidade e voz da artista, a Good Vibes passara a integrar quaisquer periódicos turísticos informativos sobre a

Não é de hoje que o Carnaval brasileiro atrai olhares mundo afora, tornar-se Patrimônio Imaterial da Humanidade, reconhecimento pela Unesco, nem surpreendeu. O ano seguinte

capital fluminense. No mesmo veículo, seu inseparável ‘faz tudo’, James, sempre discreto, que ninguém sabia dizer com certeza, ser androide ou humano, a cuidar para que nada faltasse ou atrapalhasse a exibição de Lia Lovely, show adicional da Escola a hipnotizar quem a mirava.

Robôs também participavam dos desfiles, contudo, apesar dos esforços, das tecnologias disponíveis e, até mesmo, da grande semelhança com as pessoas de carne e osso, as figuras inumanas jamais conseguiram imitar o gingado e o “samba no pé” tão comuns aos brasileiros. Restou-lhes atuar como força motriz para os carros alegóricos avançarem pela avenida.

As escolas de samba até tentaram competir, mas as notas do júri deixaram claro e inquestionável, naquele ano, nenhuma agremiação chegou à altura da Estação Primeira de Mangueira; o resultado não poderia ser outro: a Mangueira sagrou-se campeã. San Francisco Pride, em São Francisco, Califórnia, enfeitara-se para receber a escola vencedora do Carnaval carioca. A atmosfera daquele local, pela tradição dos desfiles de orgulho, fazia bem a Lia Lovely. Na véspera da apresentação da Mangueira, em trajes discretos, ela e James passearam pelo local, contagiando-se da alegre e descontraída companhia de outros que ali estavam. Como era boa a sensação de se sentirem ‘iguais’, mesmo sendo únicos!

Crepúsculo, quando tarde e noite se misturam, o desfile da Estação Primeira de Mangueira adentrou a avenida. O público a prestigiar o evento, segundo informações oficiais, ultrapassava seiscentas mil pessoas. De novo, o espetáculo encantou. Cada minuto transbordava magia. Mesmo desobrigada dos rigores do desfile na Marquês de Sapucaí, a agremiação repetiu o tempo, e os últimos foliões encerravam a magnífica exibição setenta minutos depois do início.

Ninguém estranhou o convite feito a Lia Lovely para permanecer em São Francisco por alguns dias. Aquela cidade e ela irmanaram-se. Já a ideia para uma turnê, foi inesperada. O imediatismo para que iniciasse o quanto antes a espantou. Havia explicação, Alonso Diaz, proprietário da boate Rhythms Club, assistira Lia Lovely quando visitara o Rio de Janeiro, no ano anterior e, como sempre ocorre, fascinara-se.

A turnê relâmpago, de apenas sete dias, iniciaria dali a quatro, tempo para que Lia Lovely, assessorada por James, preparasse o repertório e ensaiasse com os percussionistas. Alonso Diaz dissera a James que poderiam escolher quem quisessem dentre os integrantes da bateria da Verde-Rosa.

Em consenso, Lia Lovely e James optaram pelo repertório a partir de alguns dos melhores sambas-enredo do distante Século XX.

Nas pouquíssimas horas vagas dos intensivos ensaios à turnê, diversas entrevistas foram concedidas por Lia Lovely. Talvez os estadunidenses enxergassem nela uma segunda Carmem Miranda. A legião de admiradores locais crescia.

No dia de estreia, Lia Lovely chegou bem cedo à boate. O excesso de vigilância era ‘hollywoodiano’.

Em que pese a neurose norte-americana por segurança, decorrência dos traumas pelos infundáveis atentados terroristas, enquanto Lia Lovely se concentrava, um fã conseguira esgueirar-se incógnito e chegar ao ‘solo sagrado’ de seu camarim.

Richard Fletcher, apelidado Rick, conseguira ludibriar todo o aparato, inclusive o infalível e ‘fiel escudeiro’ de Lia Lovely, James. O invasor, ciente do mistério ao redor de James, concluiu a sorrir: “deve ser humano, falha como qualquer um de nós.”

— Não se assuste, não quero lhe fazer nenhum mal – garantiu o invasor.

Lia Lovely, manteve-se calma:

— Não me assusto com facilidade. Quem é você e o que faz aqui?

— Fletcher, Richard Fletcher, mas todos me conhecem como Rick. Nem consigo explicar direito, acho que além de ser seu fã, me apaixonei por você!

— Não me leve a mal, mas reações desse tipo são mais comuns do que se pensa. Depois passa, não se preocupe...

— Não é bem assim, desde o desfile, não consegui parar de pensar em você. Algo obsessivo, sei lá... Ao saber que permaneceria em São Francisco por mais alguns dias, larguei tudo para acompanhar cada um de seus movimentos; estive em todas as suas entrevistas. Desculpe eu estar assim, tão excitado e ser tão direto, mas o que mais quero na vida é apertá-la em meus braços.

Dissimulado sorriso brotou no rosto da artista.

— Acalme-se, querido. Aceita uma bebida?

— Uísque. Duplo. Sem gelo – afirmou o entusiasmado Rick.

— Proponho-lhe um acordo, para você conseguir o que mais almeja em sua vida... Creio que você assistirá ao show logo mais.

— Pode apostar que sim!

— Deixe-me concluir minha preparação para o espetáculo; é fundamental para a minha performance. Depois do show, você volta. Adoro extravasar a energia que me chega do público, sempre tão receptivo. Você, Rick, tão belo e interessante, será uma excelente companhia, não tenho dúvida.

— Você promete que eu poderei voltar? Foi milagre eu chegar aqui sem ser detido.

Lia Lovely aproximou-se, deu-lhe enorme beijo na boca, sorriu e imitou os trejeitos de Rick:

— Pode apostar que sim!

O repertório do espetáculo propiciado por Lia Lovely ao público que lotava a Rhythms Club iniciou, claro, com a trilha sonora que embalou a vitória da Mangueira no ano: “Rios, Amazonas e de Janeiro”. Ainda da Verde-Rosa foram escolhidos: Caymmi mostra ao mundo o que a Bahia e a Mangueira têm; e Atrás da Verde e Rosa só não vai quem já morreu. Ignorando bairrismos, afinal, o Carnaval Patrimônio Imaterial da Humanidade premiou todos os brasileiros, sambas-enredo de outras agremiações foram incluídos: Bum bum paticumbum prugurundum, do Imperio Serrano; Sonhar não custa nada ou quase nada, da Mocidade Independente de Padre Miguel; Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós, da Imperatriz Leopoldinense. Essas do Carnaval carioca. Do paulista vieram: Coisa boa é pra sempre, da Gaviões da Fiel; A rainha, à noite tudo transforma, da Vai-Vai; Narainã, a Alvorada dos Pássaros, da Camisa Verde e Branco; Do iorubá ao reino de Oyó, da Cabeções de Vila Prudente; e Babalotim, a história dos afoxés, da Leandro de Itaquerá.

Ao pedirem “mais um” a artista resolveu cantar um pot-pourri, em homenagem a Braguinha: As pastorinhas, Carinhoso e, por fim Chiquita bacana:

“Chiquita bacana lá da Martinica

Se veste com uma casca de banana nanica

Não usa vestido, não usa calção

Inverno pra ela é pleno verão...”

Respeitadas as proporções, a reação do público lembrava o comportamento de fãs dos Beatles, grupo de imenso sucesso no Século XX. Lia Lovely foi ovacionada. Curvou-se, agradeceu, aplaudiu o público e os percussionistas que a acompanharam. Retirou-se. Havia um acordo a cumprir.

Alguns minutos depois, a pedido de Lia Lovely, James conduzia o excitadíssimo Richard Fletcher ao camarim da estrela. Enquanto caminhavam, o convidado examinava James com grande atenção, a fim de encontrar alguma pista, por menor que fosse, para dirimir a dúvida: humano ou androide?

— Entre, fique à vontade – disse-lhe James.

Rick deparara-se com Lia Lovely do jeito que saíra do palco, ainda com o derradeiro traje usado quando encantou o público com Chiquita Bacana.

— Conforme prometi – disse ela a Rick – cá estamos.

— Ficaremos a sós? – Perguntou Fletcher alternando o olhar de Lia para James.

— James, por gentileza, estou faminta – pediu Lia.

James deu meia volta e deixou os dois sozinhos.

— Assim é bem melhor – disse Rick, com olhar matreiro.

— Posso retirar suas roupas? – Perguntou Lia, sem delongas.

— Eu adoraria isso.

— Olhe bem para mim, Rick, esta noite acontecerá algo mágico! Encostado à porta do camarim, James esperava apenas que o convidado ficasse nu. Inesperado e certo golpe desferido por James, na cabeça de Richard Fletcher o nocauteou. Um filete de sangue escorreu pelo piso do camarim. À exceção de James, ninguém mais sabia que Lia Lovely, na verdade, era Boiúna, a Cobra-Grande, personagem do carro alegórico no desfile da Estação Primeira de Mangueira. A incrível transformação acontecia uma vez mais. A longilínea drag queen, pouco a pouco encompridava-se mais e mais, perdia, totalmente, a aparência humana e tornava-se a gigantesca serpente, que há séculos representa o maior terror de barqueiros do rio Amazonas.

Enroscada à vítima, a força descomunal de Boiúna esmagou o corpo de Fletcher, quebrando-lhe todos os ossos. A partir da cabeça, o grande fã de Lia Lovely foi engolido até nada mais restar de sua existência.

Horas depois, de volta à forma humana, Lia Lovely despertou.

— James?!

— Às ordens, minha deusa.

— Conte-me como está meu camarim, antes de eu abrir os olhos.

— Imaculado. Nenhum vestígio de certa pessoa que supôs haver enganado a mim, para chegar a sua presença. Já podemos iniciar os preparativos para a segunda noite? O palco e os percussionistas a aguardam.

Restavam seis apresentações. Lia Lovely demonstrava imenso bom humor e sentia-se pronta para encantar o público uma vez mais.



MILTON CAVALIERI

Na fronteira da consciência “Suplícios de um querubim”

Pela evolução cronológica dos tempos os anjos sempre existiram porque é a criação do próprio Arquiteto do universo. E segundo a angelologia cada ser tem o seu anjo protetor. Então, qual seria a sua reação se em um determinado momento da vida o seu anjo aparecesse diante dos olhos!?

— Mamããã! Mamããã! Vem aqui...

— O que houve filhinha!? – perguntou a mãe assustada assim que ouviu os apelos da pequena Larissa.

— Tem um anjinho aqui no meu quarto, mamãe!

— Mas eu não estou vendo nada aqui além de você, querida! – disse ela ao entrar no quarto e sentar-se na cama junto da filha.

— Tem sim mamãe! Eu estou vendo ele...

— Então cadê o anjinho meu amor!? Mostra para mim!?

— Olha, ali na janela! – disse apontando o dedinho indicador naquela direção. – Ele está me acenando com as asinhas abertas!

— Mas não tem nada lá, querida! Foi apenas um sonho porque você sim, que é um anjo. Meu anjinho adorador!

— Aaah mamãe! Por que você não acredita em mim!?

— É claro que eu acredito em você, meu amor. Só que agora você precisa dormir mais um pouco...

— Eu não vou fazer isso, mamãe. Só quero ver o meu amiguinho que veio lá do céu para ficar comigo.

— Então deita mais um pouco e dorme que logo ele volta. Enquanto isso a mamãe fica aqui até você pegar no sono outra vez... – disse envolvendo-a nos braços sobre a cama.

Era desse jeito que Selena ia contornando as alucinações da pequena Larissa. Para ela esse comportamento anormal e constante da filha não tinha nada a ver com a sua grave saúde respiratória. Na sua concepção um tanto séptica sobre a existência de seres celestiais, tudo não passava de meras alusões na mente das crianças. Ocorreu que naquele dia ela resolveu levar o problema da filha aos conhecimentos do marido. No

entanto, ele estava mais preocupado em resolver as questões pertinentes à sua empresa do que dar atenção à família.

— ...Eu entendo que a nossa menina não está bem de saúde e precisa de uma atenção maior de minha parte. Só que agora você está de licença, justamente para se ocupar com as necessidades dela.

— Sim, meu amor. É o que eu tenho feito ultimamente, você sabe disso. Ela vem tomando os remédios religiosamente. Mas pelo que venho notando esse tratamento homeopático não está servindo para nada.

— Então remarque uma nova entrevista com pediatra dela, ora! Afinal de contas, esse plano que estamos pagando, e muito caro por sinal, tem que nos dar algum respaldo. Caso contrário poderemos cancelar o contrato e pesquisar outras alternativas para o tratamento da Larissa...

Naquele mesmo dia, depois do almoço, Selena aproveitou a carona do esposo e foi à clínica para saber o resultado do último exame da filha.

Diante da serenidade ocular e auditiva do oncologista, ela foi elucidando as atitudes que a filha passou a demonstrar nos últimos meses. Nas mãos do profissional havia um envelope timbrado com o nome da clínica.

Tudo levava a crer que as informações contidas nele estavam relacionadas com a saúde de sua amada filha Larissa. Após alguns minutos envolvendo um diálogo pouco amistoso dentro do consultório, Selena leu e releu o letal diagnóstico como se fosse a sua sentença de morte. Se bem que ela tinha uma certa responsabilidade pelo estado de saúde da filha.

— E o dr. quer que eu acredite que a minha filha está com manchas de nicotina nos pulmões!? Será que foi isso mesmo a insinuação que o sr. deixou no ar!? – vociferou indignada.

— Não se trata de acreditar ou não, dona Selena. Os exames estão aí para comprovarem os fatos. Eu estou apenas servindo de intermediário para que a sra. tenha consciência do que está

acontecendo com a sua filha.

– Eu não consigo acreditar nisso, dr.!

– Quisera eu que os exames estivessem errados, mas veja...

Em seguida virou a tela do monitor na direção do seu rosto para que ela pudesse ver e acompanhar a sequência das imagens em alta resolução.

– Mesmo que não consiga assimilar, ou perceber as áreas dos pulmões que foram afetadas, essas importantes informações são as mesmas que estão nesses exames – disse o dr. ao mostrá-las no papel.

– Mas isso não tem lógica dr.! O sr. sabe que a minha filha tem pouco mais de cinco anos! Portanto, como pode estar contaminada com essa idade!? Eu nunca ouvi, ou li algo parecido com isso. Eu sinto muito, pois não me parece conclusivo o que acabo de saber...

Mantendo a mesma postura de um psicólogo o dr. Horácio permitiu que Selena regurgitasse toda sua ira diante de seus olhos, principalmente aos ouvidos. Em sua consciência de viciada em tabagismo, ela não admitia em hipótese alguma que um recém-formado em medicina viesse a questioná-la, incisivamente, de causar danos à saúde da própria filha. Ainda mais sendo uma criança.

No entanto, era justamente por ser uma criaturinha com pouca resistência imunológica que a pequena havia sido contaminada com as substâncias nocivas e mortíferas do tabaco. E agregado a esses fatores somava-se também o excesso de ignorância daqueles que carregam o triste fardo por serem dependentes de algum tipo de droga. Eles nunca admitem que estão equivocados, e que na maioria das vezes agem contra si mesmos. Ao final da consulta Selena ainda o desafiou com certa arrogância, assestando suas pupilas na placidez de seu rosto trigueiro.

– Não pense que estou convencida dos absurdos que o sr. falou, viu dr.! Procurarei outro médico mais experiente para confrontar os resultados. Farei isso porque tenho o amparo das leis...

Sem revidar o ataque o dr. Horácio concordou com a ideia, acompanhando-a até a porta do consultório. Em contrapartida, antes de fechá-la em seus calcanhares o humilde médico fez um alerta diante de sua estúpida e inaceitável altivez. Para ser mais objetivo foi uma sábia lição de moral atacando com sutileza os seus preconceitos.

– Dona Selena, como mãe a sra. tem sim o direito de procurar outros profissionais de saúde para tirar mais conclusões. Mas pense bem em tudo aquilo que falei. Eu sei que a sra. está muito chateada com as notícias. Porém, como médico é meu dever deixá-la a par da situação. Além do mais, tanto eu como a sra. e o seu esposo não queremos que num futuro próximo a sua filhinha venha a ter consequências mais graves...

– Quer dizer então que a minha filha já está condenada à morte, dr.!?

– Em hipótese alguma, dona Selena! Seria muita estupidez e falta de profissionalismo alguém afirmar uma barbaridade dessas sem ter provas absolutas.

– Mas em outras palavras é isso mesmo que o sr. está insinuando, né!?

– Por favor, não coloque palavras em minha boca, dona Selena – disse ao juntar as mãos. Em seguida aproveitou para lhe passar outra sutil carraspana. – veja bem dona Selena, a ciência da medicina ainda é muito complexa, mesmo com os acelerados e constantes avanços da tecnologia.

Porém, nós que atuamos na área da saúde temos o dever de alertar os pacientes, ou os responsáveis por eles sobre o estado em que se encontram, independentemente de suas reações. Fazemos isso porque assumimos um compromisso através do

juramento de Hipócrates, que é...

– Não precisa dizer porque eu sei muito bem disso dr. – interferiu a mãe sem noção e acrescentou: – Acontece que vocês médicos têm o prazer em provocar terror na vida dos pacientes.

– Não seja tão dramática dona Selena! Mas posso lhe dar mais uma dica que, embora não esteja ligada à medicina, porém, indiretamente faz parte dela.

– Pois então diga logo, dr. Horácio!

– É sobre a fê, dona Selena...

– Mas o que a fê tem a ver com o estado de saúde da minha filha, dr. Horácio!? – interrompeu mais uma vez, demonstrando total falta de empatia para com o pediatra.

No entanto, o pacífico oncologista não desistiu do seu propósito.

– Não importa qual seja a sua religião, dona Selena. Mas a fê, na companhia da esperança e de mãos dadas com o amor são as três virtudes teológicas que o ser humano jamais poderá abandonar. Portanto, sem a intenção de provocá-la, espero que as minhas humildes palavras lhes sirvam para uma boa reflexão.

Embora não tenha demonstrado qualquer gesto enquanto ouvia o breve sermão, no entanto, o providencial aviso tamborilou em seus tímpanos qual uma atroz provocação. Seguramente, não passaria sem um novo revide, mas não em sua presença. Já na calçada, livre da litania do jovem esculápio, Selena virou o corpo para trás como se tivesse sido puxada por uma força invisível. Com um gesto típico de repúdio ergueu o dedo médio da mão esquerda em direção à placa da clínica oncológica.

– Vá para o quinto dos infernos com as suas falsas teorias inovadoras, viu dr. Quem é você para se meter a dar sermão em mim!? – resmungou furiosa com os cabelos soltos ao vento. – Nunca mais voltarei a pôr os pés dentro dessa espelunca. Isso aí está mais para uma clínica veterinária do que um consultório médico particular.

A ação posterior ocorreu em sincronismo com o seu mórbido de sejo: tirou da bolsa tiracolo o seu alimento inebriante e mortífero e o introduziu entre os lábios suavemente marcados com batom vermelho. Enquanto o Uber não vinha ela sorvia extasiada os prazeres que a fumaça daquele cigarro provocava em suas entranhas. Com a mão direita fazia leves carícias no ventre, tentando sentir a proeminência embrionária formada em seu interior há poucas semanas.

– Fica bem aí viu meu bebê porque eu não deixarei que nada de ruim aconteça antes de você nascer. Quando vir ao mundo a mamãe cuidará de ti como um verdadeiro príncipe. Ou então que seja mais uma princesinha...

Nos minutos seguintes, já acomodada no banco traseiro do Uber, após várias tentativas para se comunicar com a empregada através do celular, finalmente a ligação foi concluída.

– ...Então, como a minha filha se comportou até agora?

– Sem nenhum problema dona Selena. Fique tranquila porque está tudo normal por aqui. Qualquer coisa eu aviso a sra.

– Ela não teve mais um daqueles pesadelos, né?

– Pelo menos até agora não. A Larissa continua dormindo como um anjo. Essa menina é mesmo uma grande bênção...

– Está bem então. Obrigada. Daqui a pouco estarei em casa.

Depois que a atraente mãe desligou o celular, aparentemente menos preocupada, os seus olhos alcançaram uma conceituada revista científica que havia ali no banco. Ao folhear aleatoriamente as páginas suas pupilas congelaram sobre uma notícia que vinha de encontro com o seu vício.

“Exames laboratoriais minuciosos configuram uma lamentável realidade: crianças que trabalham em lavouras de tabaco

manipulando as folhas desta erva, mesmo por pouco tempo, são acometidas por graves doenças: entre elas se encontram as lesões purulentas nas vias aéreas, cegueira e escamações por todo o corpo.”

“Mal sabem essas infelizes criaturinhas – continua a matéria –, que esse trabalho de semiescravidão contribui para que num futuro bem próximo milhares de outras crianças sejam contaminadas, indiretamente, pelos pais fumantes. Ou até mesmo por pessoas que elas venham a ter contatos. Somando-se a isso vêm as despesas que o Estado se obriga a desembolsar com internações, remédios caríssimos, tratamentos prolongados, sofrimentos diversos com quimioterapia, etc.”

As afirmações queimaram a pele clara do seu rosto, pois além de atacá-la em silêncio o esposo era proprietário de uma extensa plantação da erva pertencente à família das *solanáceas “Nicotiana Tabacum”. Prisioneira de si mesma Selena fechou a revista rapidamente, como se aqueles enunciados estivessem lendo os seus pensamentos de ré confessa. Quando o Uber estacionou em frente à casa localizada em um condomínio de classe média da cidade a analista de sistema – mais sistemática que analista – respirou com certo alívio, porém com a mente perturbada.

– Ufa! Graças à Deus estou em casa! Tenho plena convicção de que o autor daquela matéria exagerou ao publicá-la na revista. Esses críticos metidos a videntes charlatões vivem o tempo todo como urubus procurando carniça. Mas o que desejam mesmo é se tornarem celebridades enquanto aterrorizam pessoas que não têm conhecimentos da verdade – disse para si mesma.

Ali mesmo na calçada acendeu outro cigarro sem ter a mínima noção da funesta surpresa que teria pela frente. A rigor, seus dias nunca mais seriam os mesmos. A atmosfera só não ficou contaminada porque a aragem dispersou os odores da terrível nicotina. Para compensar as suas agruras, egoísmo e altivez uma deliciosa fragrância feminina a seguiu até o interior da residência.

– Vamos Selena, mostre que você não se deixa ser derrotada por qualquer bobagem. Dias melhores ainda virão – disse para si mesma antes de abrir a porta da sala.

Depois que aspirou a última fumarada, Selena se dirigiu à cozinha e cumprimentou a empregada com naturalidade. Em seguida tomou um pouco de água e foi ao quarto da encantadora Larissa sem lavar as mãos.

Ao vê-la mergulhada num sono angelical preferiu não interromper aqueles momentos sublimes, e se pôs a contemplá-la, relaxando o corpo na poltrona.

– Dorme tranquila meu anjinho adorado. Enquanto isso a mamãe ficará aqui te vigiando para que nenhum pesadelo te atormente durante o sono...

Nesse ínterim Selena abriu a janela da consciência, permitindo que os pensamentos fizessem uma breve viagem na espiral do tempo. O início se deu a partir do momento em que rebatia com veemência os alertas mencionados pelo oncologista. Essa breve introspecção a fez enxergar a dura realidade com um pouco mais de clareza. Porém, não o bastante para reparar os malefícios que o fumo havia provocado em sua vida, principalmente no corpo da inocente Larissa. Durante esses minutos recheados de

incontestáveis adversidades, Selena tentou se redimir buscando um sinal divino.

– Poxa vida! Eu não posso, e nem tenho o direito de continuar errando tanto assim. Preciso me controlar, mas como meu Deus!?

Dê-me uma luz...

Movida pelo instinto da culpa, as glândulas lacrimais lançaram em suas faces dois fios ardentes como fogo. Infelizmente o aviso era apenas o início de um interminável padecimento acerca dos erros que cometera.

Com receio de que alguém, no caso a empregada, a visse chorando tratou logo de enxugar o excesso aquoso espalhado pelo rosto. Logo depois ajoelhou-se tardiamente junto à cama de Larissa. Em seguida se pôs a sussurrar por conta dos males que havia provocado nos primeiros anos de vida da filha.

– Oh minha florzinha rara! Perdoe-me pelos sofrimentos que venho causando em seu corpo. A mamãe promete que de agora em diante nunca mais colocará um cigarro na boca. Nunca mais, ouviu!? Eu juro que farei isso hoje mesmo. Em breve você estará bem e alegre como sempre foi, viu meu amor...

Depois de contemplá-la por um breve tempo beijou o seu rostinho e arrumou a coberta sobre o seu corpo. Larissa fez movimentos involuntários e virou o corpo para o outro lado. Selena passou as mãos sobre o rosto ainda molhado pelas lágrimas e saiu do quarto sem lhe dar as costas.

E antes de encostar a porta murmurou com a voz de choro.

– Que Deus a liberte de todo os sofrimentos que lhe causei até hoje, meu amor. Você merece ter uma vida de plena saúde e alegrias. Já era noite quando o esposo retornou do trabalho, um pouco além do horário do jantar. Preocupada, Selena exigiu um bom esclarecimento.

– O que houve no escritório para que você chegasse a essa hora, meu amor? Algum problema com os empregados lá na fazenda? Visivelmente irritado, Nelson sequer olhou em sua direção, e menos ainda quis saber como estava a filha. Jogou a pasta no sofá e foi direto ao banheiro sob o olhar pasmo da esposa. Quem sabe o frescor da água poderia amenizar um pouco o indigesto problema que tanto o afligia!? Percebendo haver algo negativo fustigando o humor do marido, Selena preferiu retornar à cozinha.

O bom senso falou mais alto, até porque também tinha um assunto muito delicado tamborilando em sua mente. Enquanto ela e a empregada finalizavam os pratos ouviram gritos vindos do quarto de Larissa. Em segundos Selena foi até lá e presenciou outra vez o que já havia dito ao oncologista.

– Mamãe, aquele anjinho apareceu de novo na janela. Só que dessa vez ele bateu as asinhas e voou até aqui na minha cama... Para não contrariar a filha, Selena concordou em prantos, pois uma tosse contínua sacudiu o corpo da menina. Minutos depois, já restabelecidas, Selena induziu Larissa a levantar-se para o jantar.

– Eu não tenho vontade de comer. Agora eu só quero dormir...

– Mas você precisa se alimentar pelo menos um pouquinho porque somente assim ficará boa, meu amor – disse acariciando seu rosto e os cabelos molhados pelo suor.

– Ah mamãe! Eu já falei que não quero comer. Não tô com fome.

– Oh filha! Se não está com vontade de comer, mas pelo menos você fica perto do papai e a mamãe enquanto jantamos. Assim você sai um pouco dessa cama e anda um pouquinho.

– Também não tô com vontade de fazer isso. Agora eu só quero dormir até o anjinho voltar. Se eu não estiver aqui ele vai ficar triste mamãe...

Selena já estava se irritando com a insistência da filha. Mas num estalo lhe veio à cabeça uma possível solução para tirar a menina da cama.

– Então vamos fazer um acordo, está bem assim!? – sugeriu com alegria e afirmou: – Tenho certeza de que você vai adorar a minha ideia!

– Mas eu não entendi o que você tá falando mamãe!

– Calma que eu te explico, viu meu amor.

– Então pode falar – acatou sem muito entusiasmo.

– Para não deixar o anjinho triste você escreve um bilhete e deixa aqui na sua mesinha. Quando ele vir vai ler e te esperar.

– Ah mamãe! Isso não vai dar certo...

– Ah digo eu Larissa! Pode confiar em mim porque sei o estou dizendo, viu! – retrucou Selena ajoelhando-se diante dela. – A mamãe só quer que você fique boa para retornar à escola, rever seus amiguinhos, brincar, passear...

Qual a melhor forma para convencer uma criança a se alimentar sem pressioná-la? E se estiver doente então será preciso usar de métodos bem mais criativos. Como Selena trabalhava fora essa função ficava a cargo da dedicada empregada que já conhecia os truques. Foi a conta de elevar-se para vê-la com uma variada bandeja de alimentos. Após algumas recomendações Selena deixou a filha sob os seus cuidados. Ao chegar na sala o esposo já aguardava para o jantar, ainda com a cara de poucos amigos.

– Não quer se desabafar, meu amor? Eu nem precisaria dizer isso, mas as juras que fizemos no altar ainda continuam vivas. Ou seja, no amor e na dor!

– Oh Selena! Isso não é hora de falar em sentimentalismo, poxa vida!

A coisa é muito mais séria do que você imagina.

– É por isso mesmo que eu sou toda ouvidos, meu querido – disse tocando em seus ombros e justificou a sua atenção. – eu te amo e sempre estarei ao teu lado para enfrentar qualquer tipo de dificuldade. Afinal, somos parceiros!

Meio a contragosto, e enquanto comia, Nelson expôs a gravidade do problema que o afligia tanto. A bomba em forma de nicotina vinha de encontro com a notícia que horas antes já havia estremecido a consciência da esposa.

– E agora, o que você pretende fazer!?

– Por enquanto temos de esperar até que o advogado da família entre com o pedido de indenização para o tratamento do menino.

– Então significa que você pode ser processado por conta disso!?

– Tudo vai depender do que o juiz julgar necessário. Mas, de qualquer modo temos que nos preparar, porque vai vir chumbo grosso sobre nós.

– Como assim, Néelson!? Quer dizer que a coisa está tão feia assim!?

– Meu amor, você trabalha em uma empresa comandada por políticos. Por isso sabe muito bem como agem essa raça quando a questão envolve exploração de trabalho com crianças. Dependendo da gravidade eles fazem de tudo para que o caso ganhe as manchetes em todos os meios de comunicação. Sem contar com as avalanches de fake news que se espalharão pelas redes sociais. E se ficar comprovado que o menino contraiu a doença por manusear as folhas do tabaco, aí eu nem quero pensar na gravidade do problema! As multas custarão os olhos da cara. Mas o pior é que eu posso até ser preso por isso...

Enquanto ouvia a extensão da notícia, quente como a ponta de um cigarro aceso, Selena sentiu uma leve tontura. Por sorte ainda estava sentada à mesa e o esposo também não percebeu. Quando se restabeleceu pensou até em deixar para o dia seguinte a descrição sobre a delicada saúde da filha. Como a sorte já havia sido lançada, uma gota a mais de ácido não faria muita diferença para quem se achava dentro de um caldeirão

borbulhante. Portanto, a vida da pequena Larissa não tinha preço. Então Selena respirou fundo.

– Meu amor, eu estou me dispondo porque também tenho algo muito importante para falar sobre a nossa filha. Na verdade, bastante delicado com a saúde da Larissa – insinuou com ar de submissão.

Assim que Néelson ouviu da esposa a situação preocupante que se encontrava a filha, sua manifestação foi imediata. E não era para menos.

– Ainda mais essa agora, Selena!? Nós estamos mesmos perdidos no mato e sem cachorros para nos guiar. Poxa vida! Parece mesmo que desgraça pouca é bobagem! Ninguém merece isso, viu! – disse ao largar o prato que comia.

– Eu sei meu amor. Só que agora a saúde da nossa filha é mais importante do que qualquer coisa nesse mundo. Quanto às despesas do processo a gente resolve isso depois, porque bens materiais se conquista trabalhando.

– Então diga logo de uma vez o que está acontecendo, criatura!? se impôs com irritação.

– Está bem, eu vou falar. Mas você precisa ter controle com a sua raiva, caso contrário eu ficarei sem chão, poxa vida! – disse com razão.

– Desculpa, tá! Eu me excedi – disse ele voltando à cadeira.

– Então, quando aquele doutorzinho me alertou fiquei indignada com o seu jeito que parecia ser o dono da verdade. Mas ao chegar em casa percebi que ele tinha razão. A nossa filhinha não está nada bem, meu amor.

E mesmo fazendo o possível para não transparecer estou com mau pressentimento...

Era visível a tristeza estampada no rosto de Selena.

Durante a conversa sobre a gravidade dos fatos a empregada retornou do quarto de Larissa com o semblante alegre. Afinal, a bandeja estava quase vazia, o que significava que a menina havia se alimentado devidamente. A aparência de Selena também ganhou um tom mais alegre, ao passo que Nelson se manteve indiferente. A bem da verdade envolvido em seus pensamentos. – Você é mesmo uma benção na vida da Larissa. Aliás, para todos nós aqui de casa! Nem sei o que eu faria sem a sua dedicação! – Faça tudo por prazer e amor, dona Selena. Sei muito bem o que é ter filhos pequenos em casa. Passei por várias dificuldades financeiras para cuidar deles. Graças a Deus cresceram com saúde e se casaram. Agora os meus netos são a minha vida. E a Larissinha é como se fosse minha neta também. Tenho certeza de que com a benção do Pai Eterno ela ficará boa – disse com as mãos postas.

– Nós também, né meu amor!? – sugeriu Selena ao encostar a cabeça no ombro do esposo, que apenas mostrou um frio sorriso. Após o jantar, depois que a dedicada empregada deixou a residência além do horário normal de trabalho, o casal se dirigiu à antessala. Ali permaneceram por um bom tempo para assimilar e filtrar os fatos que estavam sacudindo suas vidas, tanto no financeiro quanto na saúde. Antes de se recolherem ambos foram ao quarto da filha. Larissa dormia o mais profundo dos sonos sob a luz morna do abajur. Nem parecia que os seus

pulmões estavam comprometidos com a mortal nicotina.

– Como é linda a nossa filha, né meu amor? – sugeriu Selena em voz baixa abraçada na cintura do esposo.

– Com toda razão. Fomos muito felizes na concepção da Larissa. Pena que a nossa princesinha está passando por um momento tão sofrível.

– Mas tenho fé em Deus que logo essa fase vai passar – disse após retribuir o beijo que Nelson lhe deu.

Sem se desgarrarem ambos ajoelharam ao lado da cama e permaneceram ali contemplando em silêncio aqueles momentos sublimes. Pelo menos enquanto admiravam o sono da filha os percalços da vida não ocupavam espaço em suas mentes. Antes de se recolher, Nelson deu um suave beijo em Larissa, porém a pequena sequer demonstrou reações no corpo.

Selena ainda permaneceu ao lado da filha por mais tempo. Seu coração de mãe estava aflito como nunca havia estado. Envolvida nesse transe emocional ela ajeitou a manta sobre o corpo da filha e fez um carinho em seu rostinho. Depois o beijou com ternura e disse em meio ao choro.

– Continue dormindo com os anjos, meu amor. Nessas alturas dos acontecimentos somente eles é quem poderão no ajudar a vencer esses percalços.

Selena saiu do quarto andando de fasto, pois não queria mostrar as costas à filha. Para garantir que Larissa não ficaria sozinha também deixou a porta entreaberta. O sono descontínuo ao lado do esposo foi envolvido por breves pesadelos. E a cada vez que acordava se dirigia logo ao quarto da filha.

Na manhã do dia seguinte, ante que a devotada funcionária chegasse para mais um dia de trabalho, Selena foi rever a filha como as outras vezes.

Ainda não eram oito horas, porém já havia se esquecido da promessa que fizera sobre deixar o vício do tabagismo.

– Está na hora de levantar meu bem! Já é tarde para um anjinho ficar na cama! Sabia que eles são madrugadores!? – insinuou cheia de entusiasmo enquanto abria as cortinas para que o sol entrasse no quarto.

Ao virar o rosto em direção à mesa-de-cabeceira suas pupilas notaram uma folha dobrada sob o celular da filha. Sem hesitar pegou o papel.

Mas a ansiedade fez com que derrubasse o aparelho sobre o tapete, cuja maciez das felpas abafou qualquer barulho que poderia surgir. No entanto, como se fosse mágica o botão do visor foi acionado e, em sincronismo com a figura de um anjo que Larissa havia inserido nele, a canção “Noite Feliz” começou a tocar.

Com espontaneidade os lábios de Selena se abriram para o mais terno dos sorrisos, permanecendo até o fim da música. Tendo ainda os olhos úmidos abriu a folha com naturalidade. Porém, ao ler às frases escritas nela a felicidade que havia se estampado em seu rosto se petrificou.

Em seguida arqueou o corpo sobre a filha, beijando-a com hálito de cigarro. Não houve reação algumas por parte de Larissa, visto

que a pele angelical do seu rosto estava gelada e com aspecto cadavérico. O desespero invadiu a consciência de Selena a ponto de gritar para o mundo inteiro ouvir.

– Ai meu Deus, não faça isso comigo! Por que Senhor!? Ela não merece pagar pelos meus erros! Tinha uma vida toda pela frente...

Suas palavras em pranto vazavam pela abertura da janela indo de encontro com as fronteiras do céu, mas distantes da consciência. E voltando à cama da filha tomou-a nos braços sem obter reação alguma. Infelizmente o destino da inocente Larissa havia encerrado no mundo dos mortais muito antes do combinado. Imediatamente Selena ligou para a emergência pré-hospitalar e logo depois para o esposo.

Quando a equipe médica chegou no local já era tarde demais. Selena estava desmaiada no quarto da filha, com meio corpo sobre sua cama. Uma pequena poça de sangue uterino exposta no piso do banheiro também denunciava que algo de muito grave acontecera ali: a interrupção de uma gravidez. Próximo a ela o papel um tanto amassado e com vestígios de sangue, traduzia em letras garrafais o que somente os puros de coração transformam supostamente, a dor em prazer, alegria, esperança...

“MAMÃE, AQUELE ANJINHO VEIO ME BUSCAR.

AMO VOCÊ E O PAPAI.

ESPERO OS DOIS LÁ NO CÉU.

ADEUS”

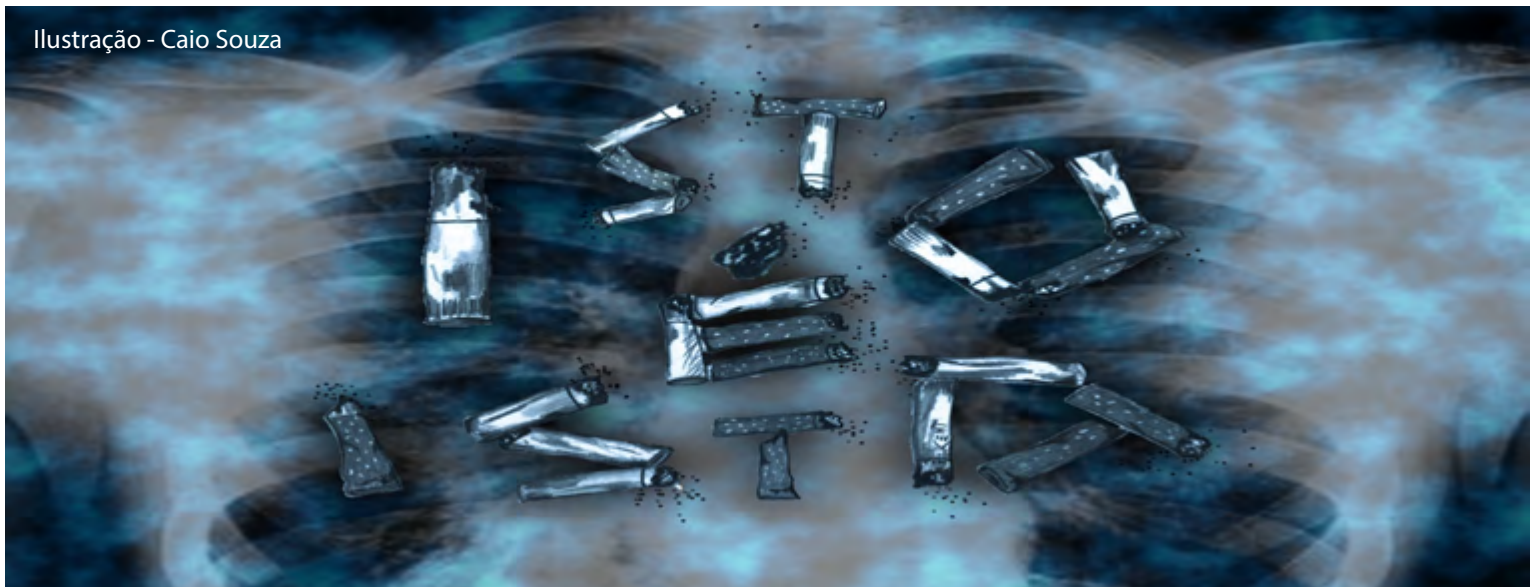
O sucinto bilhete foi pior que uma sentença de prisão perpétua para o casal após se recomparam do duplo golpe. A rigor, a trágica morte da filha por ter aspirado, involuntariamente fumaça de tabaco desde o nascimento, bem como um aborto inesperado no mesmo dia, permaneceriam para sempre em suas amargas lembranças. Nada poderia ser mais lancinante que isso.

Cerca de um ano após a tragédia, Nelson recebeu a desagradável notificação sobre o processo movido contra ele no caso do garoto contaminado devido ao manuseio com as folhas do tabaco. Tentou recorrer, porém já havia perdido a petição logo na segunda instância. O prejuízo foi alto, mas lhe serviu como importante lição para mudar de ramo na agricultura.

Em compensação a esses duros percalços, tanto financeiro quanto familiar, Nelson, juntamente com outros ex produtores de tabaco deram início a fundação de uma O.N.G. Os principais objetivos da instituição estavam destinados a proteção e denúncias contra os trabalhos escravos infantis. Nove meses depois, Selena, então curada do tabagismo deu à luz a um lindo e sadio casal de gêmeos.

Milton Cavalieri

Ilustração - Caio Souza



**SEU
ANÚNCIO
AQUI**



(43) 99666-3473

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



Pensamento Livre

D-ARTE

PRÓXIMA EDIÇÃO

Marcelo Bossi e Feliciano Almeida

Contemporary
Art from
Brazil

#36



AVALIE NOSSO PROJETO



dartelondrina@gmail.com
insta @dartelondrina